

IGREJA E SOCIEDADE

Estudos sobre fé e contemporaneidade



IGREJA E SOCIEDADE

Estudos sobre fé e contemporaneidade



Copyright © Igreja Presbiteriana Unida do Brasil

CONSELHO COORDENADOR DA IGREJA PRESBITERIANA UNIDA DO BRASIL

MODERADOR	Rev. Francisco Benedito Leite (PJDI)
VICE-MODERADOR	Rev. Cláudio Márcio Rebouças da Silva (PSVD)
1º. SECRETÁRIO	Rev. Cleverson Gomes Corrêa (PVTR)
2º. SECRETÁRIA	Presb ^a . Cristiane Correia Monteiro (PEB)
TESOUREIRA	Presb ^a Priscila Novaes dos Santos (PCRJ)

ISBN: 978-85-63329-05-9

ORGANIZAÇÃO

Rev^a Maria Aparecida de Andrade Almeida
Rev. Reinaldo Olecio Aguiar

PROJETO GRÁFICO & DIAGRAMAÇÃO

Rev. Guilherme de Freitas Silva

ILUSTRAÇÕES

Felipe Carmo

www.ipu.org.br
secretaria@ipu.org.br
fb.com/IgrejaPresbiterianaUnida
@ipuoficial

APRESENTAÇÃO

Para atender à exigência realizada na XX Assembleia Geral Ordinária da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil, o CC-IPU nomeou a Rev^a. Cida Almeida (PJDI) e o Rev. Reinaldo Olecio Aguiar (PVTR) para organizarem um material com artigos que discutem os principais problemas da sociedade brasileira.

Tendo recebido a atribuição do CC-IPU, a Rev^a. Cida e o Rev. Reinaldo emitiram convites para que irmãos e irmãs dos diferentes presbitérios da IPU elaborassem breves textos com posicionamentos cristãos diante dos diferentes problemas sociais que são recorrentes em nosso país.

O resultado do empenho dos organizadores e autores é o material que apresentamos a vocês, irmãos e irmãs da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil. Os artigos circularam individualmente para serem estudados e discutidos em nossas igrejas e agora o mesmo material é disponibilizado como coletânea na qual se contém todos os artigos.

Em nome da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil, agradecemos a cada um e cada uma dos irmãos e irmãs que colaboraram para a elaboração desse material e convidamos todos e todas a participarem dessa campanha de conscientização social.

Em Cristo.

Rev. Francisco Benedito Leite
Moderador do CC-IPU (2023-2026)

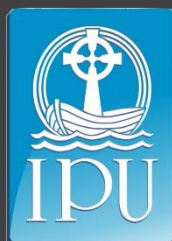
SUMÁRIO

Apresentação.....	04
Para não ter nos lábios o gosto amargo da omissão: anotações sobre a desigualdade social e a vocação cristã Rev. Paulo Roberto Pedrozo Rocha.....	07
Enfrentamento às violências para uma cultura de paz Rev ^a Sônia Gomes Mota.....	11
Suicídio: Somos vulneráveis, principalmente na adolescência Rev ^a Maria Luiza Rückert.....	17
A injustiça é contra deus e a vil miséria insulta os céus Rev. Cláudio Márcio Rebouças da Silva.....	23
Cultura do cancelamento Rev. Guilherme de Freitas Silva.....	30
Apropriação do termo ‘ser cristão’ Rev. Isaque de Góes Costa.....	35
Trabalho infantil na sociedade contemporânea Presb ^a Edinéia Figueira dos Anjos Oliveira.....	40
Nosso corpo, templo de Deus Rev ^a Maria Aparecida de Andrade Almeida.....	46
Saúde mental Rev. André Renato de Barros Navarro.....	52
Reflexões sobre desigualdade racial Rev. Antônio Marcos de Souza.....	58
Entre remendos e bordados: superando o desemprego com criatividade e economia solidária a partir da vida de Dorcas Jussiana Silva dos Santos Rebouças.....	65

Desafios e perspectivas na educação brasileira: Uma reflexão inicial para uma análise abrangente

Rev. Roberto Enzo Basílio.....71

Sobre os autores e as autoras.....75



PARA NÃO TER NOS LÁBIOS O GOSTO AMARGO DA OMISSÃO: Anotações sobre a desigualdade social e a vocação cristã

Paulo Roberto Pedrozo Rocha



Pra começo de conversa

A fim de caracterizar o que chamou de aversão sistemática aos pobres, a filósofa espanhola Adela Cortina criou a palavra *aporofobia*. Esta nova palavra surgiu da junção de dois vocábulos gregos, a saber, *áporos*, que pode ser traduzido por *pobres*, e *fobia*, palavra esta que temos em nosso português brasileiro com o sentido de medo, aversão, rejeição.

Possivelmente já tenhamos ouvido falar nestes termos. No caso do Brasil, o trabalho do padre Júlio Lancellotti de assistência aos moradores de rua e populações em situação de vulnerabilidade fez com que a expressão *aporofobia* ficasse conhecida. Nem mesmo a igreja pôde ficar isenta desta acusação. Um caso curioso, registrado pela imprensa paulista em 2023, dava conta de uma cruz cheia de espetos contra moradores de rua que causou polêmica na cidade de Santos, no litoral paulista.



Figura 1 - Fonte: jornal "A Tribuna", de Santos/SP – 21 de agosto de 2023

Mas de onde vem esta 'naturalização' das desigualdades? A partir de quando passamos a considerar natural que haja entre nós pessoas detentoras de recursos que são impossíveis de serem consumidos no intervalo de uma vida, ao passo que centenas de mi-

lhares morrem de fome, sem ter acesso ao mínimo para sua subsistência? Vamos aos textos.

**“Eis que o salário dos trabalhadores que ceifaram os vossos campos, e que por vós foi retido com fraude, está clamando...”
(Tiago 5: 4)**

O texto acima é uma citação da carta de Tiago. Há um grande debate em torno desta carta. Na disposição dos livros do Novo Testamento é a primeira epístola católica, logo após as cartas paulinas e a carta aos Hebreus. Vale notar que o nome *Tiago* tem um correspondente nas línguas semitas (o hebraico entre elas) que é *Jacó* e eram nomes comuns entre os judeus dos primeiros anos do Cristianismo. Dentre os discípulos de Jesus há dois ‘*Tiagos*’ que foram apontados como possíveis autores da carta, hipótese hoje dispensada pela exegese contemporânea, dados os aspectos linguísticos em que foi escrita e, principalmente, pela total ausência de uma referência direta a Jesus, algo difícil de imaginar em um texto escrito por um de seus discípulos.

O que se tem em consenso é que a carta de Tiago foi escrita por um judeu helenista (de cultura e hábitos gregos) que pode ou não ter se chamado Tiago ou usado o termo como um pseudônimo eficiente para a circulação de seus escritos. O fato é, que à parte as questões de composição e autoria, o texto é bombástico em suas pretensões de mensagem.

Nos capítulos iniciais da carta seu autor destrói a possibilidade de uma religião meramente subjetiva, sem atos concretos. “*A fé, se não tiver obras, por si só está morta. (Tiago 2: 17)*”. O texto foi rejeitado por muitos, incluindo Lutero, e questionado em sua canonicidade (deveria ou não estar entre os livros do Novo Testamento?). Os argumentos eram de duas ordens: a ênfase nas obras poderia colocar em questão a teologia paulina de centralidade na Graça como ação salvadora e a ausência de referência explícita a Jesus. Polêmica que sem dúvida vale bons estudos, mas que aqui servirá apenas para chamar nossa atenção para o imperativo da igualdade entre todos.

O filósofo genebrino Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) declarou em um de seus escritos, *Discurso sobre a origem e os fundamentos da*

desigualdade entre os homens (1755), que “o verdadeiro fundador da sociedade civil foi aquele que primeiro cercou um pedaço de terra, disse que ela lhe pertencia e encontrou pessoas tão simples que acreditaram”¹. Desta forma o filósofo lembra que a propriedade privada está na origem dos males sociais, chamados por ele de desigualdades.

E a tradição cristã, o que tem a dizer a respeito?

“Sempre que o fizeste a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.” (Mateus 25: 40)

São inúmeros os exemplos bíblicos que apelam para a justiça social. Poderíamos partir dos profetas (Oseias 6: 6 – misericórdia quero e não sacrifícios! – para ficar em um exemplo citado pelo próprio Jesus na querela sobre o sábado) ou até mesmo do exemplo dos primeiros cristãos que, segundo o livro de Atos dos Apóstolos, tinham tudo em comum. A Bíblia é contundente em condenar todas as estruturas políticas que promovem a desigualdade social e a exploração do homem pelo homem.

Como herdeiros da Reforma Protestante do século XVI nos encontramos na mesma militância. O reformador João Calvino, de quem pretensamente somos herdeiros das coisas boas e também daquelas que não são tão admiráveis, declara na abertura do Livro IV da *Instituição da Religião Cristã* que, sendo desejo de Deus que permaneçamos na terra por um período por ele determinado, deveremos nos esforçar para que neste período nossa vida aqui em tudo imite a vida no Paraíso (CALVINO, *A Instituição da Religião Cristã* – Livro IV). E isto inclui, sem dúvidas, a luta pela igualdade social.

O testemunho cristão não pode ser apenas de ordem espiritual. É imperioso que a ação cristã seja visível na prática, recuperando uma tríade muito importante à época de instauração da Teologia da Libertação e que agora se mostra mais do que necessária: ver, julgar e agir.

A Igreja de Jesus Cristo é aquela que age na sociedade e não aquela que se fecha no conforto de seus templos e em suas sessões de louvores

¹ ROUSSEAU, Jean-Jacques. Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999, p. 166.

alienados do mundo. Nossas mensagens, nossos cantos e nossas preces devem estar em conexão com as demandas do tempo presente, sob pena de perder a relevância profética, o que seria desastroso para a igreja de um modo geral.

Neste sentido, nós presbiterianos unidos somos movidos pela nossa própria história. Nascemos como uma igreja formada por rejeitados do protestantismo tradicional e, em especial, por parte dos presbiterianos brasileiros. Somos ecumênicos e inclusivos. Não adotamos práticas heteronormativas. No Reino de Deus que pregamos há lugar para todos, em condição de igualdade. Caso contrário não há Reino e as Boas Novas não passariam de uma versão religiosa das famosas *fake news*.

Nossas comunidades devem anunciar o Evangelho libertador de Jesus Cristo através de seu testemunho cristão que implica participação na sociedade, nos partidos políticos, nos sindicatos, nas associações de bairro e demais organismos sociais de luta e presença. Mas até aqui não estou dizendo nenhuma novidade. Está tudo lá, em um documento fundante de nossa denominação: o *Pronunciamento Social da IPU*. Devemos consultar este texto, estudá-lo em nossas comunidades e trazê-lo de volta à vida, pois nunca foi tão atual, apesar de redigido há mais de 45 anos. (<https://ipu.org.br/documentos/pronunciamento-social/>)

À guisa de provocação...

O propósito desta breve reflexão, que se junta a outras tantas colaborações de parceiros e parceiras da IPU, é provocar. Trata-se de uma palavra com origem latina, *provocare*, que significa desafiar, chamar a si. É isto mesmo, o propósito deste texto, ainda que de forma muito superficial, é chamar para o debate, desafiar as vozes que não podem continuar contidas, caladas.

Se os leitores me permitirem uma referência pessoal, o exemplo dos profetas do Antigo Testamento sempre serviu como modelo para minha atuação pastoral e militância social. Sempre que ficava em dúvidas sobre o que fazer, tentava buscar uma situação correlata no testemunho profético. É verdade que me arrependi muitas vezes de ações pretéritas, reconheço muitos erros, ainda que na tentativa de acertar.

Mas há um conforto que gostaria de compartilhar com todos, para que pudessem experimentar esta alegria: não conheço o remorso causado pela omissão.

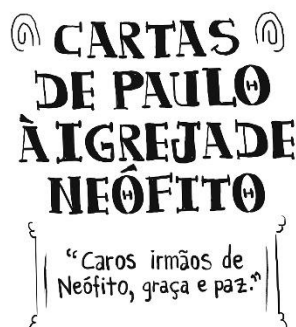
Assim, meus irmãos e irmãs da IPU, vamos nos unir na missão profética de denunciar as injustiças, participar de projetos de construção de um mundo melhor, vamos acertar muitas vezes, quem sabe errar outras, mas nunca, nunca ter nos lábios o gosto amargo da omissão. Que assim Deus nos ajude!

Bibliografia

BÍBLIA SAGRADA. Edição Revista e Atualizada no Brasil. Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

LUTERO & CALVINO. **Sobre a Autoridade Secular**. Tradução de Carlos Eduardo Silveira Matos e Hélio de Marco Leite de Barros. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1995.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.



Introdução

“Deixo a paz a vocês; a minha paz dou a vocês” (João 14.27a).

Tratar de um tema como a violência, iniciando com um versículo sobre paz pode parecer um paradoxo, porém, a paz talvez seja um dos anseios mais buscados pela humanidade. Mas, se por um lado, muitas pessoas, grupos e movimentos buscam a paz, vemos, por outro lado, um aumento da violência a ponto de pensarmos que ela é algo natural. Já cedo crianças, adolescentes e jovens se divertem, em seus lares, com jogos eletrônicos que mostram cenas de violência, assassinato e guerra nas telas dos celulares. Por isso, é importante que movimentos religiosos, igrejas e movimentos sociais busquem caminhos de superação da violência. No caso de igrejas cristãs, é fundamental posicionar-se, especialmente quando se usa o nome de Deus para justificar atos de violência.

I. O tema violência é amplo



Para refletir:

Quais são e onde estão os conflitos e as violências atuais?

Há diversos *tipos de violência* e vários *âmbitos* onde ela ocorre.

Em âmbito internacional: As divisões, conflitos e violências aumentam em muitas partes do mundo. Conforme reportagem da BBC de novembro de 2023, “o mundo vem se tornando um lugar mais violento do que no começo deste século”. Na época, a reportagem já previa que 2023 chegaria ao fim com pelo menos oito grandes guerras, além de dezenas de conflitos armados.¹ Só para citar alguns: guerras (Rússia x Ucrânia; Israel x Palestina), conflitos internos e guerras civis (Somália, Sudão), invasões militares (Burkina Faso), exploração econômica, etc.



Você sabia que o Conselho Mundial de Igrejas, ao qual a IPU é filiada, tem um eixo programático para a promoção da paz? Visite o site <https://www.oikoumene.org>

Texto para nos orientar: 2Rs 6,20-23. cf. a proposta diplomática de Eliseu na guerra entre israelitas e arameus em: tratar inimigos de forma humana é a melhor garantia de paz.

Em âmbito nacional: O Mapa da Violência no Brasil produzido pelo IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP)² traz informações sobre homicídios analisados à luz da perspectiva de gênero, raça, faixa etária, pessoas com deficiência entre outras, e mostra que os índices de violência no Brasil são alarmantes. Chama a atenção o alto índice de violência contra a juventude e, em especial, os altos índices de homicídio de pessoas negras, revelando o racismo estrutural da sociedade brasileira. Também se evidencia o alto grau de letalidade causado pela polícia, que é quem deveria proteger a população. Mas há outras violências que merecem a nossa atenção e reflexão enquanto igreja: violências de gênero e feminicídio, torturas, perseguição a pessoas que defendem direitos humanos, guerra de facções, violência contra a natureza e contra populações indígenas, quilombolas, povos e comunidades tradicionais. etc. Todas elas merecem uma profunda reflexão da igreja.



Você sabia que 40% de mulheres evangélicas sofrem violência doméstica? [Dados da teóloga e pastora Valéria Vilhena fundadora da EIG- Evangélicas pela Igualdade de Gênero]

¹ <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c192m733912o-> acesso em 17.02.2024

² <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes-> acesso em 17.02.2024



Para refletir:

Qual destes tipos de violência mais nos impacta? Você concorda com a afirmação: bandido bom é bandido morto?

Textos bíblicos para nos orientar: João 10.10 e Mateus 5.9

Violência e religião: Houve (e ainda há) violência cometida em nome de Deus: conflitos bélicos entre muçulmanos e judeus (cristãos, hindus); demonização de outras religiões e outras espiritualidades (indígena, africana). A religião é, muitas vezes, usada para legitimar poder e domínio sobre outros grupos. O cristianismo também foi violento: cruzadas, inquisição, guerras religiosas, ações missionárias com conversões forçadas, demonização de outras formas de crer.



Você sabia que a CESE- Coordenadoria Ecumênica de Serviço e o CONIC-Conselho Nacional de Igrejas Cristãs, organismos dos quais a IPU participa, realizam ações de combate ao racismo religioso como as Missões Ecumênicas e o Dia do Ubuntu?



Para refletir:

86,8% da população brasileira se diz cristã (Católicos e Evangélicos)³. Como a fé em um Deus de amor compactua com tanta violência?

Texto bíblico para nos orientar: Romanos 12.18

II. Causas da violência

A violência no Brasil é um fenômeno histórico e estrutural, que faz o país figurar entre os mais violentos do mundo e com uma das maiores populações carcerárias do mundo. Como pessoas cristãs devemos nos perguntar: Como estamos interpretando e vivendo o evangelho de Jesus Cristo que afirma: “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em plenitude?”

³https://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/pdf/Pag_203_Religi%C3%A3o_Evang_miss%C3%A3o_Evang_pentecostal_Evang_nao%20determinada_Diversidade%20cultural.pdf



Para refletir:

Olhando para as diversas violências do mundo, quais as causas que podemos apontar? Qual delas estamos ajudando a fomentar? Podemos fazer uma autocrítica!

Textos bíblicos para nos orientar: Provérbios 24.18; Eclesiastes 4.1; Jeremias 22.3; Miquéias 6.12

- Luta por poder, prestígio e privilégios
- Desigualdades sociais, acúmulo de riquezas nas mãos de poucos
- Modelo de desenvolvimento que não respeita modos de vida
- Ganância, exploração dos recursos naturais indiscriminadamente
- Luta por expansão territorial.
- Falta de políticas que atenda às necessidades dos cidadãos/ãs
- Política de segurança pública que promove genocídio em vez de proteger e corrigir
- Vingança, ódio, necessidades pessoais
- Uso de linguagem bélica, agressiva: Na Bíblia “Deus dos Exércitos” (as divindades eram imaginadas como reis e, portanto, também guerreiras); heróis violentos (Sansão, etc.).
- Na sociedade: heróis violentos em filmes de ação (mocinho geralmente elimina seus múltiplos inimigos: violência “redentora”), jogos virtuais de guerra, *fake news* que incitam ao ódio.

III. Construção de relações não-violentas



Para refletir: Diante de tantas situações de violência o que nós como igreja-povo de Deus, podemos fazer? O que nossa comunidade local está fazendo para evitar situações de violência?

Textos bíblicos para nos orientar: Salmo 11.5; Provérbios 3.31;16.29; Oséias 6.6; Mateus 5.9; 26.52; Filipenses 4.7

- Retomar à centralidade do Cristo na vida cristã
- Participar da vida pública colocando sempre o bem comum e a defesa e promoção dos Direitos Humanos como princípio
- Apoiar grupos, movimentos, organizações e campanhas que promovam a paz e a justiça
- Buscar resolução de conflitos evitando que uma parte seja humilhada
- Diminuição do potencial de agressividade: não atacar pessoas, mas enfrentar problemas;
- Evitar exaltar virtudes guerreiras, mesmo as de figuras bíblicas; os textos de violência do AT não são convite à imitação ou legitimação de atitudes violentas por parte de cristãos; são expressões de uma cultura que a fé cristã procura superar.
- Discutir assuntos sem ofender nem humilhar
- Tanto nas pregações como nos cânticos não usar linguagem agressiva, bélica ou discriminatória
- Fomentar uma cultura da paz; a violência não é algo “natural”, ela precisa e pode ser superada.
- Criar na igreja espaços seguros de acolhida, confiança e solidariedade

Para continuar a reflexão

Como pessoas cristãs precisamos reaprender uma das primeiras lições bíblicas: *Violência é pecado e o amor é sagrado*. (ver Gn 4). Somos seres criados/as à imagem e semelhança de Deus, e a proposta é termos uma relação de respeito, amizade, companheirismo com todos os seres vivos e com a natureza. Não somos pessoas violentas por natureza. Se aprendemos a praticar a violência, também a paz pode ser aprendida. O caminho da paz é árduo, difícil e exige muito diálogo, equilíbrio, domínio próprio, respeito, perseverança e exercício da misericórdia. Que possamos, enquanto igreja, unir nossa fé e nossa voz a outras igrejas cristãs, outras religiões e movimentos na busca por caminhos de paz e de superação das violências. Fazemos nossa parte inspiradas e inspirados no que diz Jesus:

“Bem-aventuradas as pessoas pacificadoras pois serão chamadas filhos e filhas de Deus” (Mateus 5.9)

Ⓒ **CARTAS** Ⓒ
DE PAULO
À IGREJA DE
NEÓFITO

“Caros irmãos de Neófito, graça e paz.”

“Em seu leito de morte, Jerônimo agradeceu pela vida, e afirmou que os suicidas, que apressam a morte, desonram a Deus...”



“Foram 17 anos bem vividos...”



“Interrompidos pelo Vape.”



@fipsartmo

Introdução

O suicídio acontece quando uma pessoa causa a própria morte – de modo intencional. Precisamos então averiguar quais são os motivos que levam uma pessoa a provocar o término de sua existência.

Quais são as principais causas que foram detectadas?

- Perturbações mentais: depressão, transtorno bipolar e esquizofrenia.
- Dependência de drogas.
- Alcoolismo crônico.
- Falência financeira.
- Término traumático de um relacionamento amoroso.
- Entre os adolescentes: os desafios e as adversidades da vida.

O adolescente se defronta com uma pluralidade de adversidades. Nenhum outro mamífero experimenta uma modificação tão acentuada, durante o seu desenvolvimento, quanto o ser humano. O corpo em transformação conspira. O primeiro desafio do adolescente é relacionar-se com a transformação do corpo. O humor é afetado pelos fluxos hormonais. Os ossos crescem mais depressa do que a musculatura. A cultura ocidental é incoerente, tornando-se flagrante o colapso das regras e do convívio social. “Mais que rebeldes, são

‘adolescentes desregrados’”, observa Gianbruno Guerrierio (*O colapso das regras*, Revista *Viver Mente & Cérebro*, dez/2005).

A sexualidade tornou-se um produto de mercado. “Grandes sofrimentos, ou mesmo suicídios, decorrem de frustrações nas relações amorosas” (Wagner Ranña). O sucesso de uma música depende do grau de erotismo que a envolve. Na falta de erotismo, o impacto acontece mediante um comportamento escandaloso do cantor e/ou da cantora. A afirmação do adolescente acontece através de comportamentos de risco. O grupo de iguais acolhe o adolescente, mas também estabelece regras perversas e insanas. *E o principal fator desse turbilhão é o cérebro, que só está maduro aos trinta anos de idade.*

Os hormônios sexuais executam um programa desenvolvido pelo cérebro. Uma vez constatado que o cérebro humano está pronto por volta dos trinta anos, isso significa que não se pode exigir do adolescente uma estabilidade comportamental que a própria natureza não lhe proporciona. “O córtex frontal, última grande divisão a amadurecer em estrutura e função, é também a última a atingir o volume máximo de substância branca – aos 30 anos, mais ou menos” (Suzana Herculano-Houzel). O sistema de recompensa (as estruturas que gratificam com uma sensação de prazer) passa por uma remodelagem. Com o córtex órbito-frontal (OFC) deficiente, o adolescente pode se tornar um sociopata, constata Suzana Herculano-Houzel. Com essa remodelagem, o adolescente não sabe muito bem o que é bom e o que dá certo, tornando-o vulnerável às drogas.

O adolescente brasileiro se defronta com a brutalidade da sociedade em que vive: alto índice de mortes violentas, provocadas por homicídios, acidentes de trânsito e suicídios. Essa realidade é ensejada pela desintegração familiar, pelo colapso educacional, pela precariedade de opções esportivas e de lazer. O suicídio entre adolescentes tem preocupado a Organização Mundial da Saúde. Para o adolescente, o caos se manifesta com múltiplas facetas. “A humilhação também desencadeia ideias suicidas em muitos rapazes e moças homossexuais, devido à provável presença de atitudes hostis que enfrentam no meio social. Em jovens desse grupo, a taxa de tentativas de suicídio pode ser dez vezes maior que as dos jovens em geral” (Leonardo Tondo, *Morrer antes do tempo*).

Entre os adolescentes também é praticada a *indução de suicídio*. Por meio das redes sociais, grupos de adolescentes estimulam jogos para a prática de atos-limites. O participante é induzido a testar o limite de

sua resistência, colocando em risco a própria vida. Muitas vezes, esse limite é ultrapassado.

Juntamente com os pesquisadores, que apresentaram seus trabalhos na Revista *Viver Mente & Cérebro*, dez/2005, citados acima, ouçamos o psiquiatra Scott Peck: “A vida toda representa risco. Quanto mais amamos, mais riscos enfrentamos. Dos milhares, talvez milhões de riscos que enfrentamos na vida, o maior é o de tornar-nos adultos” (*A formação da personalidade*).



Quais são os métodos mais empregados para cometer suicídio? Enforcamento, envenenamento, armas de fogo, roleta russa, drogas.

Nos países em desenvolvimento acontecem 75% dos suicídios observados na humanidade. Neste caso, a instabilidade social e econômica provoca uma falta de perspectivas de vida.

Também foi constatado que os homens suicidam mais do que as mulheres. Nos países em desenvolvimento, os homens suicidam 1,5 vezes mais do que as mulheres. Também nos países desenvolvidos, os homens suicidam mais do que as mulheres, elevando-se a taxa para 3,5 vezes mais. “No Brasil, para cada suicídio feminino há três masculinos, de acordo com dados de pesquisa da Unesco e do Ministério da Justiça” (Leonardo Tondo, *Morrer antes do tempo*).

Em alguns países há um alto índice de suicídio entre pessoas acima de 70 anos. Em outros países há um índice maior entre os 15 e 30 anos.

Nos dias atuais tem acontecido um grande número de *assassinato-suicídio*, muitas vezes relacionado a um feminicídio. É quando o autor comete um homicídio e suicida em seguida. Também o terrorismo tem dado ensejo aos ataques suicidas. Provocando a morte de outras pessoas, o terrorista pratica um ato que ocasiona sua própria morte.

O fanatismo religioso tem ocasionado o *suicídio coletivo*. Tornou-se emblemático o suicídio em massa liderado por Jim Jones na Guiana, em 1978, quando 918 pessoas suicidaram. Neste pacto de suicídio estavam incluídos 270 menores de idade.

Também existe o *suicídio metafórico*, quando alguém renuncia a um projeto de vida. A pessoa se anula. Isso pode acontecer dentro de um casamento. Em alguns lares evangélicos a esposa tem uma formação

profissional, mas o marido, respaldado pela ideologia religiosa, obriga-a a ficar em casa.

Existe também o suicídio camuflado: fumar, abuso de bebida alcoólica, uso indiscriminado de medicamentos, transtornos alimentares.

Èmile Durkheim notabilizou-se com a obra *O Suicídio*. O sociólogo concluiu que o suicídio é um fato social. E classificou-o em três tipos:

- O *suicídio egoísta*: o ego individual se sobrepõe ao ego social. A individualização é exacerbada.
- O *suicídio altruísta*: o ego se confunde com o grupo social ao qual o indivíduo pertence. É o caso dos kamikazes e dos homens-bomba, que buscam o heroísmo.
- O *suicídio anômico*: acontece em situações de anomia social. Uma crise econômica pode desencadear uma ausência de normas (anomia). O colapso financeiro ocasiona um caos social, dando ensejo a suicídios. Além de não resolver o seu problema, o suicida deixa um problemão para os familiares.

Antes de cometer suicídio, a pessoa emite sinais

Quando a pessoa se encontra em sofrimento, ela emite sinais que podem ser detectados pelos familiares e amigos.

- A pessoa sente-se esmagada pela realidade. Ela é dominada por um sentimento de impotência perante a vida.
- A pessoa quer acabar com o seu sofrimento, mesmo que isso signifique acabar com a própria vida.
- A pessoa sente uma solidão infinita, mesmo estando rodeada de familiares e amigos.
- Alteração de comportamento e mudança nas expressões verbais.
- Perda de esperança: visão pessimista do futuro, sentimentos exagerados de culpa, conversas constantes sobre morte, baixo valor de si mesmo.
- Manifestações de intenção suicida: “Eu gostaria de adormecer e não acordar mais”. / “Vou deixar vocês em paz”. / “Só estou dando trabalho para vocês”. / “Eu acho melhor desaparecer”.
- A pessoa se isola e não atende mais o telefone. Prefere ficar trancada no quarto.
- A pessoa negligencia a higiene.
- A perda do emprego foi um choque demasiado.

- O adolescente sofre *bullying* na escola.
- A pessoa foi diagnosticada com uma doença grave.

Como devemos proceder?

- Evitar que a pessoa fique sozinha.
- Evitar noticiário trágico e deprimente.
- Mobilizar os familiares e amigos para formarem uma rede de apoio.
- Elaborar um contrato de vida. A pessoa deve programar objetivos, como uma viagem, a formatura da filha, um voluntariado. Estimular a prática de exercícios físicos.
- Se a pessoa for dependente de bebida alcoólica, procurar um contato com Alcoólicos Anônimos (AA). O convite para integrar o grupo deve partir de um alcoólico em recuperação. O mesmo procedimento se aplica se a pessoa for dependente de drogas. Deve-se procurar os Narcóticos Anônimos (NA).
- Impedir o acesso a armas de fogo e a venenos.
- Incentivar a pessoa a uma vivência espiritual em comunidade. Émile Durkheim constatou que a comunidade religiosa apresenta coesão social. A religião promove valores compartilhados. Acontecendo a interação, a pessoa deixa de se sentir isolada. Nesse ambiente, a pessoa estabelece um conjunto de ideais pelos quais vale a pena viver.
- Procurar orientação junto ao Centro de Valorização da Vida (CVV). Telefone 188 (ligação gratuita).

Ambientes religiosos não estão imunes a uma depressão e a tendências suicidas. Nas igrejas também são observados índices de suicídios, que variam entre católicos (26,4%), entre evangélicos (24%) e entre espíritas (13,3%). Entre pessoas sem religião, o índice é de 10%. Também ocorrem suicídios entre pastores e lideranças da igreja. Alguns suicídios acontecem, porque a pessoa considera o seu erro (ou pecado) imperdoável e irreparável. É o caso emblemático do suicídio de Judas. Todos somos seres humanos – carentes de perdão, de apoio e convívio comunitário autêntico.

Sempre há a oportunidade de começar de novo.

Referências

CARVALHO, Francielle Fátima de; DEUSDEDIT Jr, Manoel. **BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE SENTIDO DA VIDA E SUICÍDIO: REFLEXÕES À LUZ DA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL**. pdf

Disponível em

<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/acolha-a-vida/bibliografia/sentidodavidaesuicidio.pdf>

Acessado em 28/11/2023.

DURKHEIM, Émile. **O Suicídio: Estudo de Sociologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido: Um psicólogo no campo de concentração**. Petrópolis: Vozes, 1991.

Ministério da Saúde do Brasil. **Prevenção do Suicídio: Manual dirigido a profissionais das equipes de saúde mental**. Disponível em

<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/suicidio-prevencao>

Acessado em 28/11/2023.

PECK, M. Scott. **Formação da personalidade: um caminho a desbravar**. São Paulo, Paulinas, 1985.

Revista Viver Mente & Cérebro, Ediouro Segmento-Duetto Editorial, edição nº 155, dez 2005. Artigo **A travessia da adolescência**.

SILVA, Karina de Fátima Aparecida da; ALVES, Mariany Aparecida; COUTO, Daniela Paula do. **SUICÍDIO: UMA ESCOLHA EXISTENCIAL FRENTE AO DESESPERO HUMANO**. pdf Disponível em

<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/acolha-a-vida/bibliografia/suicidiovazio.pdf>

Acessado em 28/11/2023.

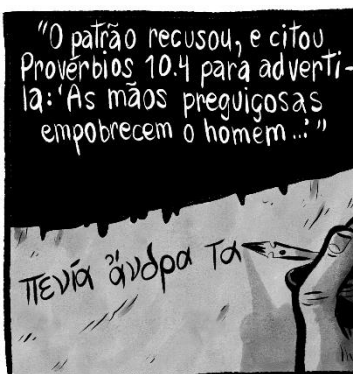
TORRES, Wilma da Costa. **Relação entre religiosidade, medo da morte e atitude frente ao suicídio**. Arquivos Brasileiros de Psicologia, out-dez 1986.

A INJUSTIÇA É CONTRA DEUS E A VIL MISÉRIA INSULTA OS CÉUS

Cláudio Márcio Rebouças da Silva

CARTAS DE PAULO À IGREJA DE NEÓFITO

“Caros irmãos de
Neófito, graça e paz.”



Banquete de migalhas...

A Igreja Presbiteriana Unida do Brasil (IPU) celebrou 45 anos de existência no mês de setembro de 2023. Cada ano vivido torna-se uma celebração por tantas bênçãos alcançadas, mas, também, um convite para o avivamento da memória e, não menos, o refazer passos e rotas para fortalecer e continuar uma caminhada que tem como uma das características fundantes uma proposta de espiritualidade diaconal e libertadora.

O presente texto visa estabelecer um olhar sociológico e teológico para este fenômeno religioso tendo como mote reflexivo questões sociais como fome e pobreza em diálogo com a Bíblia, os seus Documentos Fundantes e seus Princípios de Fé e Ordem (PFO) da IPU, ou seja, essa reflexão busca responder à pergunta: como o cristão reformado ecumênico da IPU compreende a fome e a pobreza? Após a compreensão, que práxis será estabelecida como estratégia pedagógica de transformação social?

Com efeito, para responder essas questões é importante salientar para o(a) leitor(a) que todo documento, toda imagem, toda narrativa, todo olhar, toda memória é uma produção histórica-social e envolve interesses múltiplos, uma vez que, os conceitos ocorrem no campo da

disputa, assim sendo, pensando com o sociólogo Peter Berger: “a realidade é socialmente construída”¹, deste modo, dimensões de fome e de pobreza são produções humanas e não castigo-punição de Deus. Essa compreensão é fundamental para nossa reflexão e, por isso, peço gentilmente a cada leitor(a) que utilize esses óculos doravante.

Por exemplo, diante de dinâmicas colonizadoras em tom de processos civilizatórios, o chão Latino-Americano foi regado por sangue de povos originários e de ancestralidades africanas. Aqui, cruz e espada se combinavam e se confundiam. O uso da Bíblia com motivações equivocadas transformou sujeitos sociais em corpos dóceis enquanto toda riqueza de bens materiais, naturais e simbólicos eram saqueadas em nome de deus e de uma suposta ordem social.

Sabe-se que a pobreza e a fome no Brasil têm cor e é preta, isto é, essa população vive em vulnerabilidades sociais não por incapacidade cognitiva ou profissional, mas, em função do pecado do racismo estrutural que produz necropolítica nas periferias do Brasil, por vezes, com uma bíblia na mão e uma arma na outra. Se a pobreza e a fome têm cor no Brasil, a riqueza e o privilégio também têm, ou seja, a concentração de grandes terras no Brasil que produz injustiças sociais está nas mãos de pessoas brancas. Como equacionar isso?

As mãos que se juntam para orar, são as mesmas que se abrem para fazer e repartir o pirão...

É significativo destacar que o fenômeno religioso é múltiplo e cheio de ambivalências, assim, não há apenas dominação e silenciamento corpóreo-simbólico, há sim, muitos sons de resistência e reinvenção da experiência religiosa em favor da dignidade humana e da garantia de seus direitos sociais e, é nessa perspectiva que a IPU se encaixa, isto é, como propôs o reverendo João Dias de Araújo: “não só a alma do mal salvar, também o corpo ressuscitar”.

Desta forma, a hermenêutica bíblica que a IPU se propõe a realizar é de partilha, de cuidado, de amor, de justiça, de emancipação e de

¹ BERGER, Peter L. LUCKMANN, Thomas. *A construção da realidade*. 33ª Edição, Petrópolis, Vozes, 2011, p.11.

acolhimento. Trata-se de uma espiritualidade profética que denuncia injustiças e não negligencia o anúncio de um novo tempo criado pela parceria entre o humano e o próprio Deus na história. É o Pai-nosso e o pão-nosso como faces da mesma moeda. É fé que traduz em compromisso pela luta do mutirão do Reino de Deus como sugere o Salmos 103.6. É uma comunidade de fé sensível às dores do povo, assim, seguindo os passos de Richard Shaull “procurei estimular um tipo de pregação mais relacionada com a vida e os problemas do povo”², a IPU busca relacionar as verdades do evangelho com a diversidade cultural brasileira. Não se trata de uma dicotomia ou inversão, mas, uma nova forma de ser igreja que envolve uma complexidade de relações políticas, econômicas e culturais.

Desta maneira, pobreza e fome são realidades produzidas na história por mãos humanas, pois, Jesus de Nazaré oferece vida plena (João 10.10) e cuida de seus filhos e filhas (Mateus 6.25-34). A IPU compreende que precisa caminhar com amor e fortalecer a verdade (1 Coríntios 13.6), que a exploração e dor causadas por humanos contra seu semelhante é pecado e precisa de arrependimento e mudança (Jeremias 22.13). Com efeito, “compromisso com a vida espiritual exige que façamos mais que ler um bom livro ou ir a um retiro restaurado. Demanda prática consciente, uma disposição de unir a forma como pensamos e a forma como agimos”³.

Por tudo isso, é urgente o fortalecimento da identidade e do pertencimento da IPU para cada eclesiano(a), ou seja, saber quem fomos, quem somos e quem queremos ser, assim sendo, o desafio é rememorar para avançar, logo: os fins da IPU registrados nos seus Princípios de Fé e Ordem no Capítulo I (PFO) no Art. 2º são:

proclamar as Boas Novas em Jesus Cristo, ao indivíduo e à sociedade; celebrar o culto a Deus Pai, Filho e Espírito Santo, em espírito e verdade; ministrar os sacramentos do batismo e eucaristia; preparar, por meio do ensino e da doutrina, os seus membros para a sua missão no mundo;

² FARIA, Eduardo Galasso. *Fé e compromisso: Richard Shaull e a teologia no Brasil*. São Paulo: ASTE, 2002, p.51.

³ HOOKS, Bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Elefante, 2021, p. 115.

promover a unidade e a comunhão de todos os cristãos; desenvolver e participar de ação concreta visando a justiça, a paz, a promoção do ser humano e da vida.⁴

No que tange à sua doutrina o Capítulo II do (PFO) no Art. 3º sinaliza:

as Sagradas Escrituras são o padrão de doutrina e ética. A IPU reconhece, contudo, diante delas, o direito a diferentes posicionamentos exegéticos e teológicos os quais, sob a influência de condicionamentos históricos, culturais e sob a orientação do Espírito Santo, transformaram-se e se transformam de acordo com as necessidades dos homens e passaram a constituir verdadeiro patrimônio espiritual da Igreja Cristã.

Sabe-se que tensões, cumplicidades e mediações estão presentes na IPU, mas é possível dizer que se trata de uma “rebelião institucionalizada”. Uma igreja ecumênica, com a participação efetiva das mulheres e capaz de assumir uma fé cristã e uma luta contra a fome e a pobreza. É possível perceber processos de ambivalências na IPU, isto é, neste jogo de mudar-permanecer, liberdade-controle, esses líderes desejavam um fazer teológico a partir do chão que pisavam e, conseqüentemente, assumir riscos-possibilidades de uma nova realidade. Logo, a consciência era: “..., mas não podemos deixar de prosseguir na obra que nos foi confiada por Deus, e nem podemos ser infiéis à voz da nossa consciência iluminada pelo Espírito Santo” (Manifesto de Atibaia/1978).

A fé reformada ecumênica da IPU na luta contra a injustiça entende que:

Clamar contra a injustiça, a opressão e a corrupção, e tomar iniciativa de esforço para aliviar os sofrimentos dos infelicitados por uma ordem social iníqua; colaborando também com aqueles que, movidos por espírito de temor a Deus e respeito à dignidade do homem, busquem esses

⁴ Princípios de Fé e Ordem no site da IPU: <https://ipu.org.br/>

mesmos fins, assim como aceitando sua colaboração.
(Pronunciamento Social/1978)⁵

Deste modo, uma nova práxis estava sendo estabelecida a partir da interpretação bíblica que “todas as formas de opressão religiosa, política ou econômica, todas as formas de discriminação racial e social, todas as restrições à liberdade de pensamento e de expressão, são igualmente odiosas e contrárias à fé cristã” (Pronunciamento Social/1978). Com efeito, a IPU assume um compromisso social crítico e transformador, assim, seu testemunho como discípulos e discipulas de Jesus de Nazaré passa necessariamente pela fome e sede de justiça (Mateus 5.6), logo:

...essa presença deve levar os cristãos a se lembrarem de que esse propósito de Deus inclui, também, a ordem social, e deve levá-los a darem expressão concreta, nesse âmbito, ao fato de que, em Cristo, Deus manifestou seu objetivo de criar não só um novo homem, mas também uma nova humanidade. (Pronunciamento Social/1978)

Enfim, rememorar é não apenas conhecer suas supostas raízes, mas é também assumir riscos em nome de um projeto maior, que neste caso é o Reino de Deus capaz de produzir justiça e dignidade humana, logo, tornava-se necessário:

Incentivar seus membros a assumirem uma cidadania responsável, como testemunhas de Cristo, nos sindicatos, nos partidos políticos, nos diretórios acadêmicos, nas fábricas, nos escritórios, nas cátedras, nas eleições e nos corpos administrativos, legislativos e judiciários do País.
(Pronunciamento Social/1978)

A IPU é serva porque aprendeu com o diácono Jesus de Nazaré (Mateus 20.28). Daí assinala-se:

⁵ Pronunciamento Social no site da IPU: <https://ipu.org.br/>

Declaramos que, como mordomos do Senhor Jesus, não poderemos gastar o tempo retornando às questões passadas, reavivando injustiças sofridas ou reivindicando direitos de que fomos esbulhados, mas, com a visão voltada para o futuro, colocamos o nosso coração na obra que temos para fazer, na consciência clara da nossa responsabilidade diante do Senhor da Igreja, a quem teremos de prestar conta do uso que fizemos da nossa vida. Assim Deus nos ajude. Amém. (Manifesto de Atibaia/1978)⁶

Saber quem somos, de onde falamos, o que e como falamos é extremamente vital. Nesse sentido torna-se oportuno:

Fazer a proclamação profética incessante dos princípios éticos e sociais do evangelho de modo que sejam denunciados todos os erros dos poderes públicos, sejam de omissão ou comissão, que resultem em ameaças ou obstáculos à paz social ou tendam à destruição da nossa estrutura democrática. (Pronunciamento Social/1978)

A IPU não é voz que oprime e mata, mas, voz que faz brotar esperança e vida. Partindo desse pressuposto “declaramos que é nosso desejo prosseguir na obra do Reino de Deus, dominados pelo Espírito de Cristo, em harmonia e alegre comunhão uns com os outros, paz e respeito mútuo” (Manifesto de Atibaia/1978).

Tem caroço nesse angu

A IPU é promotora da esperança que como a primavera, perfuma, colore e encanta. Desta maneira, com coragem, sensibilidade e fé faz-se necessário compreender que a escuta e o exercício da alteridade são imprescindíveis para continuar a jornada. O cenário político-religioso revela uma complexidade que muito desafia o fenômeno religioso. Como IPU agradecemos a Deus pela existência de duas instituições onde

⁶ Manifesto de ATIBAIA no site da IPU: <https://ipu.org.br/>

ela participou ou participa como fundante e ou dando enormes contribuições na luta contra a fome e a pobreza, a saber: a Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE) com sede em Salvador-BA e a Comissão Ecumênica dos Direitos da Terra (CEDITER) com sede em Feira de Santana-BA.

É significativo lembrar-se que uma tradição não “cai do céu”, ou seja, é construído humano em arena de disputa. Dessa forma, a quem interessa essa ou aquela tradição? Qual a razão de não se permitir encarar desafios novos que não foram postos na gênese da IPU? Com efeito, suspeito que a IPU precisa colocar em sua agenda nacional, presbiteral e nas igrejas locais temas como: espiritualidade ecológica; garantia de direitos sociais da comunidade LGBTQIAPN+; descriminalização do aborto; racismo estrutural e extermínio da juventude negra; violência doméstica; missão na perspectiva da IPU; revitalização de igrejas. Lutar contra a fome e a pobreza é fundamental para IPU, contudo, esses exemplos supracitados serão negligenciados?

Ⓒ CARTAS Ⓒ
DE PAULO
À IGREJA DE
NEÔFITO

“Caros irmãos de
Neôfito, graça e paz.”



@fips carmo

Introdução

“Quando o seu inimigo cair, não se alegre, nem se regozije o seu coração quando ele tropeçar” (Provérbios 24:17)

O surgimento e a consolidação da internet impactaram profundamente as nossas relações sociais. Hoje em dia, nas redes sociais, é possível seguir e interagir com pessoas ao redor de todo o mundo, sejam pessoas do nosso círculo social, sejam pessoas famosas (celebridades, influenciadores, youtubers...). A sensação é que as distâncias se encurtaram pois, enquanto há anos atrás uma celebridade da TV ou do cinema era vista como alguém muito distante de quem as assistia, os famosos de hoje estão no Instagram, no Facebook e no Youtube, espaços também ocupados por “pessoas comuns”, com quem interagem expondo suas rotinas diárias e suas opiniões sobre os mais diversos assuntos.

Todavia, essa proximidade das relações que é favorecida pelas redes sociais também pode ter repercussões negativas, especialmente quando a pessoa outrora admirada não corresponde às expectativas, manifestando opiniões ou comportamentos contrários àqueles esperados e validados pela audiência. Quando isso acontece, a admiração se converte em desprezo, e essa pessoa passa a sofrer ataques de ódio que buscam o seu silenciamento e até mesmo a sua eliminação. A isso damos o nome de Cultura do Cancelamento.

Por vezes, as intenções por trás dos cancelamentos podem ser boas, pois buscam a justiça – especialmente em temas importantes no ambiente virtual e na vida real, como questões raciais, de gênero e de orientação sexual –, mas a Cultura do Cancelamento segue um percurso diferente da conscientização por meio do diálogo. Simplesmente não há interesse em dialogar e a internet passa a funcionar como um tribunal que processa, julga e executa a pena.



Para discutir:

1. O cancelamento acontece apenas com pessoas públicas ou acontece também com pessoas comuns? Justifique.
2. A prática do cancelamento acontece em nossas relações pessoais?

Embora a Cultura de Cancelamento seja um termo recente, podemos observar que o fenômeno em si encontra diversos paralelos ao longo da história. Na Grécia Antiga, o Ostracismo foi um tipo de punição existente em Atenas, no século V a.C., em que um cidadão era banido ou exilado, por um período de dez anos. Havia também os Linchamentos, que sempre foram presentes na História humana, desde a Antiguidade, como forma de “justiça popular”. Entre os judeus, o apedrejamento era uma penalidade aplicada em diversos casos previstos na Lei, como o adultério, por exemplo.

Jesus e os canceladores

Na conhecida passagem de João 8.1-11, Jesus se depara com um caso assim. O texto nos conta que em uma manhã bem cedo, antes do sol nascer, Jesus foi ao Templo e o povo também foi bem cedo para aprender com ele. De repente chegam escribas e fariseus – homens versados na Lei – trazendo consigo uma mulher que havia sido surpreendida em flagrante adultério em plena madrugada! Eles a fazem ficar de pé no meio de todos, expondo-a publicamente, e, prontos a cancelá-la perguntam a Jesus: “*Na Lei, Moisés nos ordenou que tais mulheres sejam apedrejadas. E o senhor, o que tem a dizer?*” (v.5)

Ao fazerem essa pergunta, eles colocam Jesus em uma situação muito delicada: ou ele consente com o apedrejamento, violando a lei romana que reservava aos Romanos o direito de execução da pena de morte em terras ocupadas, ou contraria a Lei de Moisés (cf. Lv 20.10; Dt 22.22-24) que preconizava a pena capital para quem cometesse o pecado

do adultério. As duas opções eram ruins! Ou ele “passa pano¹” para a violência, ou ele “passa pano” para o pecado. Qual lado escolher?

Cotidianamente, diversas situações também nos obrigam a escolher um lado. Somos tentados a, diante de temas complexos, emitir opiniões de maneira apressada e irrefletida. Isso acontece pois na Internet a nossa interação se dá a partir de Bolhas Digitais², e nessas Bolhas há intenso policiamento de opiniões. Basta uma opinião contrária para ser enquadrado como opositor de uma determinada causa. Ou seja, você também pode ser cancelado por cancelar ou não cancelar alguém!

Mas Jesus não se apressa em opinar. Sentado ele estava e sentado ele continua! Era fácil se juntar à opinião pública e condenar uma mulher que havia sido exposta daquela maneira. Todavia, Jesus não fica irritado e nem se precipita, apenas se inclina e passa a escrever no chão como quem tem o controle da situação. Tal atitude intriga os escribas e fariseus, pois eles esperavam uma atitude imediata de Jesus. Então eles insistem para que ele dê uma opinião (v.7).

Jesus, como bom conhecedor da Lei, sabia que se um casal fosse pego em adultério, ambos deveriam ser executados (cf. Lv 20.10), e aqui ele se revela uma primeira questão: apedrejar apenas a mulher era fazer uma justiça seletiva, afinal, no lugar onde ela foi encontrada de madrugada, ela certamente não estava sozinha! Então, onde está o homem? Por que não havia a mesma disposição em trazer o homem ao centro da roda e o expor publicamente? Ora, isso é justiça seletiva, que é também injustiça!

A segunda questão a qual Jesus se depara é que, mesmo que aquela mulher devesse ser condenada, qual daqueles homens tinha uma conduta moral que o qualificasse a executar a pena? Lembremos que para Jesus, o adultério não se dá apenas com a consumação do ato, e bastava uma intenção impura (cf. Mt 5.27-28). Por isso Jesus responde àqueles homens: “*Quem de vocês estiver sem pecado seja o primeiro a atirar uma pedra nela*” (v.7). Ao responder desse modo, Jesus solicita que a Lei seja cumprida por intermédio de quem não tem pecado, evidenciando assim, o legalismo hipócrita dos escribas e fariseus.

¹ Expressão usada pelos jovens, semelhante a “fazer vistas grossas”.

² Bolhas são agrupamentos digitais de pessoas que tem pensamentos parecidos, gostos parecidos e alinhamento ideológico. Nesse sentido, as nossas redes sociais são verdadeiras Bolhas, sentimos mais confortáveis seguindo pessoas que admiramos e que concordam conosco na maioria dos assuntos. Por vezes bloqueamos quem tem opiniões contrárias.

O que aprendemos com esta passagem da mulher pega em adultério?

1. Assim como Jesus, não devemos ter pressa em opinar sobre temas complexos. Vivemos em uma era em que tudo acontece muito rápido, por isso temos que ter cuidado com o que se divulga ou com as ideias que propagamos, uma vez que em questão de minutos pessoas podem ter suas vidas destruídas. Sempre devemos refletir se não estamos seguindo o “comportamento da manada”, e reproduzindo as opiniões da maioria, mesmo quando isso vai contra ao Evangelho de Jesus, que é uma boa nova de amor e perdão.

2. Precisamos verificar se não estamos sendo seletivos e injustos. É necessário refletir o porquê de certa opinião ou comportamento nos causarem tanto incômodo. Pode ser que estamos frente a uma situação de extrema injustiça, abuso ou violência, o que nos traz legítima indignação. Mas há casos em que estamos apenas nos escondendo atrás dos nossos preconceitos (ou de uma conta no Twitter) para condenar alguém de maneira injusta, como fizeram os escribas e fariseus.

3. Devemos fazer uma autoavaliação sincera antes de julgar. Os escribas e fariseus ao quererem cancelar a mulher pega em adultério, o fazem sem antes olharem para si mesmos. Uma das pérolas do pensamento reformado é a doutrina de que a humanidade após a queda perdeu a capacidade de obedecer a Deus com total fidelidade, de modo que nos tornamos *totalmente depravados*, isto é, pecadores por essência (cf. 1 Jo 1.8-10; 1 Co 15.22; Rm 3.9-24). Por isto, ao invés de cancelar alguém, devemos olhar para nós mesmos, para as nossas limitações e reconhecermos o quão pecadores somos, tendo sempre em mente que com a mesma medida que medirmos também seremos medidos (Mt 7.1-2).



Para discutir:

1. É legítimo que o cristão cancele alguém?
2. A partir do que foi aprendido nesta lição, discuta com seus colegas sobre as diferenças entre Cancelamento, Crítica e Discordância.
3. É possível discordar sem cancelar?

Conclusão

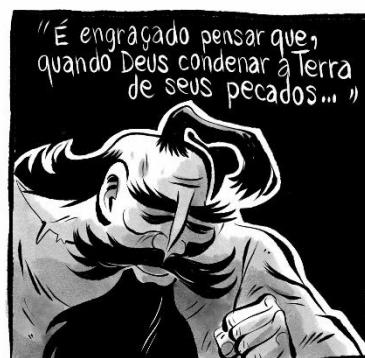
O espírito do Evangelho nos ensina buscar a via do diálogo sempre que possível e não a via da violência (Mt 5.9). Sabemos o quanto é difícil exercer a paciência, argumentar e tentar dialogar “civilizadamente” nesta era digital em que vivemos, mas não há outro jeito! O cristão precisa ser diferente e fazer a diferença.

APROPRIAÇÃO DO TERMO “SER CRISTÃO”

Isaque de Góes Costa

CARTAS DE PAULO À IGREJA DE NEÓFITO

“Caros irmãos de
Neófito, graça e paz.”



@fipscaimo

Introdução

No Brasil a influência do cristianismo está presente numa diversidade de comunidades, ongs e produtos: canais de TV, rádio, cinema, novelas, músicas, turismo, literatura, na política por meio da bancada evangélica e em inúmeras igrejas. Em toda essa diversidade há uma forma de apoderamento do que é ou como deve ser um cristão.

Esse quadro nos convida a refletir sobre o fenômeno da apropriação que se dá em torno da mensagem de Jesus. Como os sentidos são construídos e as ênfases elaboradas são as mais diversas, nos propomos a refletir sobre a questão em forma de três perguntas: Qual a origem histórica do “Ser cristão”? Quais as principais apropriações do termo na História? Quais as apropriações feitas pela Igreja Presbiteriana Unida e seus desafios atuais?

Qual a origem do ‘ser cristão’?

Há uma gama de designações dadas aos discípulos de Jesus na literatura neotestamentária: Família de Deus, filhos de Deus, discípulos, santos, etc. Contudo, a que se firmou após anos foi a palavra “cristão”, mesmo citada apenas três vezes nas Escrituras, como em Atos dos Apóstolos, em que Paulo e Barnabé em sua estada em Antioquia da Síria são chamados de cristãos. (*Foi em Antioquia que, pela primeira vez, os*

seguidores de Jesus foram chamados de cristãos”. Atos 11:26b NTLH¹). Pequenos cristos talvez fosse um apelido, em função do agir deles como pregadores do Evangelho de Cristo. O outro texto de Atos é o da defesa de Paulo perante o rei Agripa e sua esposa Berenice.

Agripa respondeu: — Você pensa que assim, em tão pouco tempo, vai me tornar cristão? Paulo disse: — Pois eu pediria a Deus que, em pouco ou muito tempo, não somente o senhor, mas todos os que estão me ouvindo hoje chegassem a ser como eu, mas sem estas correntes. Atos 26:28-29 NTLH²

E o terceiro texto está na Primeira carta de Pedro: “*Mas, se alguém sofrer por ser cristão, não fique envergonhado, mas agradeça a Deus o fato de ser chamado por esse nome*” 1 Pe 4. 16 NTLH³. Nos três textos o conteúdo do ser cristão vincula-se a fé, ao seguimento e perseverança nas tribulações. Nada ainda ligado às estruturas cristãs sedimentadas em Igrejas ou denominações. Porém, vamos analisar como após esse período o termo foi assumindo novos significados.

Quais as principais apropriações do ‘ser cristão’ na história?

No desenrolar da História da igreja podemos identificar pelo menos quatro modelos: O primeiro, “*Ser cristão na Igreja-doméstica*”, proveniente do contexto das primeiras comunidades formadas por meio da pregação dos apóstolos. Ser cristão era ouvir o chamado de Jesus, acolher o batismo, a catequese e servi-lo a partir da igreja/casa.

O segundo modelo, “*Ser cristão na Cristandade*”, quando no 4º século Teodósio torna o cristianismo religião oficial do Império, juntando aos poucos Igreja e Estado, trono e altar, poder espiritual e temporal, em que ser cristão era receber a tradição cristã com seus valores e estruturas que vinham inscritos no DNA da cultura cristã.

O terceiro modelo, “*Ser cristão na Igreja livre*”, nasce do período da Reforma, onde ser cristão passa a ser decisão do indivíduo, passo significativo que vai expandir-se na modernidade, porém ainda numa cultura marcadamente cristã como panorama cultural, moral e social.

O quarto modelo, “*Ser cristão no período pós-moderno*”, ocorre no contexto do pluralismo religioso que emerge no final do século XX. A

¹ Bíblia Nova Tradução na linguagem de hoje.

² IBIDEM

³ Nova Tradução na Linguagem de Hoje.

religião é escolha pessoal, desligada da tradição e da família, não determinada pela hegemonia cristã, mas decisão de foro íntimo, não por necessidade, mas por liberdade.

Que apropriações a Igreja Presbiteriana Unida fez e seus desafios atuais?

Todos os modelos vistos são expressões do ser cristão relacionados com a igreja da época, sua cultura e seu período histórico, e são marcas que atravessaram o ser cristão. Não é possível seguir Jesus sem nos definirmos por meio de nossa herança teológica, litúrgica, bíblica e cultural, pois nossa identidade é construída em recepções e reinterpretções à luz da demanda de nossa sociedade.

Não dá apenas para olhar para trás e achar que podemos trazer do passado para o presente as respostas do ser cristão como algo pronto e tudo está resolvido. Isso é o que denominamos de tradicionalismo. O perigo nesta postura é esquecer que toda relação com o passado é mediada pelas questões do presente, com suas emergências e solicitações. Também não podemos acolher tudo que se desenrola na História e cultura atual sem critérios e transformar o Ser cristão numa expressão sem elos com a fé que uma vez foi dada aos Santos. Recebemos essa dinâmica testemunhal viva, mas ela nos pede o esforço de encontrar formas de comunicar, conviver e discernir os tempos condizentes com o seguimento de Jesus.

Com essas observações e com a clareza que somos frutos da tradição protestante e reformada, elencamos cinco características do ser cristão presbiteriano: Primeira - As Escrituras Sagradas como padrão de doutrina e ética, não regra de fé e prática e, por isso, não somos fundamentalistas. As Escrituras revelam Jesus, nossa leitura bíblica é feita a partir de Cristo.

Segunda - A defesa da *primazia da vida cristã* sobre os credos, dogmas e doutrinas, ou seja, defendemos que o amor e a justiça são basilares antes de tudo e, nesse sentido, ser cristão não coaduna com homofobia, misoginia, racismo de qualquer natureza; Terceira - *Participar da igreja como comunidade de fé* e, desse modo, a resposta ao chamado de Jesus nos conduz para a igreja, onde crescemos no conhecimento de Deus pela escuta da Palavra, além de recebermos os sacramentos; Quarta - *Ser cristão para IPU é ser ecumênico e promover o diálogo entre as religiões*. A missão da Igreja é o anúncio do Evangelho sem desloca-lo do sentido da unidade do povo de Deus. Desde o início,

nossa tradição esteve na vanguarda do dialogo ecumênico e inter-religioso, sem esquecer que nossa evangelização não se contrapõe ao diálogo, pois não há imposição, mas anúncio da ação redentora de Jesus Cristo.

Quinta característica - *A Defesa da vida e da criação*. Perceber que o Evangelho amplia as responsabilidades pela defesa da dignidade humana, pela proteção da criação, e pela luta contra toda injustiça; Tudo isso conjugado numa missão que anuncia a Redenção plena do ser humano em Cristo, a redenção da criação e a esperança escatológica da vinda de Cristo.

Desafios

Nossa história e traços denominacionais participam de algo maior que são constituintes de nossa cultura pós-moderna e que nos desafiam a pensar criticamente, e seus traços são: mentalidade de mercado; trânsito religioso, privatização do sagrado, consumo religioso.

A igreja precisa compreender esse panorama para não ser reduzida a apenas um produto no mercado de bens simbólicos. Identificar que há uma busca das pessoas para suprir suas necessidades. Como diz o grupo musical Titãs, “a gente não quer só comida a gente quer comida, diversão e arte”, ou seja, a fé pede um ser humano que seja encarado em sua integralidade. Ser cristão é ser uma pessoa inteira diante de Cristo e sentir-se amado em suas diversas dimensões.

Segundo o Reverendo Joaozinho Thomaz de Almeida, a experiência do ser cristão é composta de *chamado, decisão, aprofundamento e resolução*. Equivaleria a dizer que vai da resposta ao chamado de Deus aos processos de aprofundamento, compreensão e amadurecimento da fé. Como propiciar um espaço facilitador de acolhimento e abertura para uma experiência de tornar-se um cristão? Sendo um espaço, as pessoas querem ser ouvidas, valorizadas, respeitadas, sem constrangimento de qualquer natureza, o que deve nos levar a não cairmos na tentação de ser uma igreja de iguais, sem gente diferente, mas apenas um tipo genérico de igreja de classe média ou um núcleo fechado em si.

Temos que dar passos para um ser cristão que valorize o passado, mas não ponha a tradição como algemas e sim como referenciais de identidade. Isso muitos presbiterianos fazem atualmente. Numa cruzada contra as igrejas pentecostais e outras, como forma de demarcar seu lugar no mercado religioso, tudo reduzido a uma apologética que

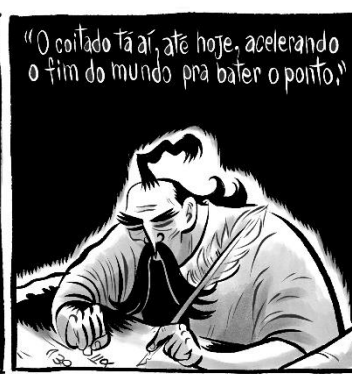
menos denuncia os poderes que geram morte e mais exalta seus teólogos e flerta com o messianismo político. Urge adquirir a habilidade para trabalhar as tensões ecumênicas e diferentes posicionamentos religiosos, sociais e políticos em nosso ser cristão.

Logo, é necessário comunicar a fé sem gerar constrangimentos e desvalorizar ninguém, privilegiando atitudes sábias de escuta e atenção à sociedade com seus dramas, para podermos responder às demandas em nosso contexto urbano em consonância com nossa História Reformada e nossa leitura crítica e dialogal com nosso tempo. As pessoas querem menos estruturas e mais comunidades acolhedoras.

Aqui podemos reorientar o ser cristão presbiteriano unido a partir de mais leveza, do cultivo de formas menos rígidas de organizar a fé, ensiná-la, num formato que ajude as pessoas nas suas crises e decepções. Não basta termos um lugar de culto, mas um espaço relacional que propicie um discipulado integral, terapêutico, e nisso temos uma riqueza como comunidades menores que podem acompanhar as pessoas individualmente, dando-lhes um ambiente favorável a uma espiritualidade comunitária, profunda e cheia de compaixão.

④ CARTAS ④
DE PAULO
À IGREJA DE
NEÓFITO

“Caros irmãos de Neófito, graça e paz.”



@fipsartmo

O fundamento do trabalho infantil

É comum no nosso cotidiano, quando falamos de trabalho infantil, ouvir as pessoas dizerem: “Trabalho não faz mal a ninguém, quando eu era criança eu e meus irmãos ajudávamos nossos pais em casa e/ou na roça e ninguém morreu por isso. Foi bom para apreendermos o valor do trabalho”. Percebemos nessa afirmação a defesa do trabalho como prática educadora, possivelmente necessária ao desenvolvimento e inserção da criança e do adolescente na sociedade e, nessa afirmação, a prática do trabalho infantil é naturalizada. Para a reflexão proposta sobre o trabalho infantil, inspirados a luz do evangelho de Cristo Jesus, é necessário tomar como ponto de partida o fundamento do trabalho na sociabilidade humana.

Nessa reflexão, ao abordarmos a questão do trabalho infantil, não estamos tratando do cotidiano de crianças e adolescentes que realizam tarefas diárias, necessárias a convivência no cuidado diário. No cotidiano familiar, por exemplo, ações como colocar o lixo para fora, ajudar a cozer os alimentos, limpar os espaços de convivência, fazer uma horta no quintal, entre tantas outras ações do cuidado diário, compreendemos ser essas trabalho útil e necessário para o processo de humanização das relações sociais. O trabalho útil é indispensável a existência humana em qualquer sociedade por que por meio do trabalho as pessoas se humanizam cuidando de si e dos outros, bem como transformando a natureza e/ou situações adversas. Para melhor

compreensão, o trabalho é uma ação humana, por meio da qual homens, mulheres e crianças atendem suas necessidades e as de outros, desenvolvendo ações que é útil a toda a sociedade (Marx, 1985).

Ocorre que na sociedade do capital, na qual nós vivemos, o trabalho se transforma em mercadoria e nessa dinâmica o trabalho útil é transformado em trabalho com valor de troca. Isso ocorre porque o trabalhador, que tem sua força de trabalho, tem que vendê-la para o dono dos meios de produção em troca de um salário (Marx, 1985). E, por meio do trabalho o trabalhador produz a riqueza, que deveria ser distribuída socialmente, mas a riqueza produzida não fica com o trabalhador, ela é apropriada pelos donos dos meios de produção e, em troca o trabalhador recebe um salário, que deveria ser o suficiente para seu sustento e de sua família, mas não o é (Marx, 1985). Essa dinâmica configura um processo de exploração do trabalho que não se limita ao trabalhador, mas se estende a sua família. Significa dizer, que o processo de exploração do trabalho na sociedade do capital se intensifica entre homens, mulheres e crianças, sem distinção de gênero ou idade, a fim de maximizar os lucros dos donos dos meios de produção que se apropria da riqueza gerada pelo trabalho (Marx, 1985).

Então, refletir sobre trabalho infantil exige compreender essa relação capital/trabalho na nossa sociedade, em que a força de trabalho é mercadoria necessária à reprodução da sociedade e produção da riqueza, mas ao vender sua força de trabalho o trabalhador (a) se submete ao processo de exploração do trabalho juntamente com sua família, pois o salário que recebe não é suficiente para garantir o sustento de todos.

A passagem de Mateus 20.1-16 nos fornece elementos para essa reflexão. A parábola contextualiza o cotidiano de um grupo de trabalhadores a espera de trabalho. O dono da vinha chama os trabalhadores em horários diferentes, mas independente do horário em que foram chamados lhes foi atribuído o mesmo pagamento. Na parábola, o dono da vinha se dispõe a entregar a cada trabalhador o que considerou suficiente. O dono da vinha (símbolo do Pai) usa como critério de pagamento, não a produção de cada trabalhador, mas a necessidade do sustento das suas vidas. Todos os trabalhadores e trabalhadoras necessitam garantir o sustento de suas famílias e, por isso devem receber o valor suficiente. O texto nos ensina que a lógica do Reino não é a lógica da sociedade vigente, onde a pessoa vale por sua capacidade de produção e a ganância se sobrepõe ao bem-estar de quem realmente produz a riqueza (os trabalhadores). Essa concepção coloca

grupos com menores capacidades produtivas, como as crianças, em condições de maior vulnerabilidade e maior exploração. O texto de Mateus nos convida a imitar o Pai do Céu, lutando por novas relações na sociedade e no trabalho, sustentadas na valorização do outro, na justiça e igualdade social.

O trabalho infantil na sociedade de exploração do trabalho

Partimos da afirmação de que o trabalho infantil é a forma mais vil do processo de exploração do trabalho na sociedade contemporânea. Isso por que, ao não receber um valor equivalente a necessidade de manutenção de sua família, não somente o trabalhador (a), mas também os seus filhos (as) são submetidos ao processo de exploração do trabalho. Mas a força de trabalho dos seus filhos (as) é ainda mais barata no mercado, comparada à força de trabalho masculino. Segundo o IBGE (2022), em 2022 o rendimento médio das crianças entre 5 a 17 anos, que se encontram em situação de trabalho infantil, foi estimado em R\$ 716,00 mensal. Entre os meninos o rendimento foi de R\$ 757,00, enquanto as meninas recebiam 84,4% desse valor (R\$ 639). Entre as crianças pretas ou pardas o valor em média foi ainda menor (R\$ 660,00) e para as brancas R\$ 817,00. No Brasil, 4,9% do grupo etário de crianças e adolescentes entre 5 a 17 anos de idade (1,9 milhão) encontram-se em situação de trabalho infantil.

O processo de exploração do trabalho infantil se intensifica numa sociedade que não se furta em maximizar os lucros dos donos dos meios de produção rebaixando o salário do trabalhador e usando o trabalho infantil como uma das estratégias para baratear o custo da produção. Aqui fazemos a denúncia de uma sociedade que gera riqueza na mesma proporção que gera a pobreza, condicionando a vida de homens, mulheres e crianças a um processo de exploração permanente. O texto de Tiago 5:1-6 denuncia a intensidade e o grau de exploração de homens, mulheres e crianças. Trata-se de um grito profético contra a riqueza e a exploração do trabalho. O texto denuncia a riqueza que tem sua origem no acúmulo, fruto do roubo, da retenção dos salários. Quem explora são os ricos que acumulam riqueza às custas dos salários dos trabalhadores. Os ceifeiros são trabalhadores diaristas que dependem do salário ao final de cada dia de trabalho. Esses trabalhadores são como tantos brasileiros que não possuem as condições mínimas de prover sua existência humana. Lembramos dos boias frias, dos trabalhadores braçais sem carteira assinada ou direitos trabalhistas. Acrescentamos a

esse grupo os desempregados não porque querem, mas pela ausência de trabalho remunerado. São os filhos desses trabalhadores, empregados ou não, que são submetidos ao vil processo de exploração da força de trabalho.

Mas o que Jesus nos diz sobre as crianças na dinâmica das relações sociais? Jesus nos desafia a aprender com as crianças a sermos melhores, ao mesmo tempo em que nos alerta para a responsabilidade de proteção e valorização das crianças que estão no nosso meio. Em Mateus 18.1-6 Jesus toma a criança como modelo a ser seguido por sua inocência, por sua pureza, por não desejar se sobrepôr a ninguém. O texto nos alerta a mudar nossa maneira de sentir, escutar e fazer escolhas. Jesus vê a criança com o olhar e o sentimento do cuidado por serem frágeis, dependentes, sem pretensões sociais, sem poder nem ambições, afirmando que delas é o Reino do Céu. Com isso, Jesus deixa claro que a lógica do reino não é a lógica da sociedade. O “Reino” se sustenta na justiça, no amor e afeto. A dimensão do “Reino” implica na transformação dos valores da sociedade, que deve ter o espírito da criança.

O texto também nos convida a refletir sobre o modo como a sociedade tem cuidado das crianças. Submeter essas crianças ao processo de exploração do trabalho é o modo de demonstrarmos que estamos cuidando e valorizando as crianças? Especialmente do v. 6, Jesus alerta sobre a gravidade desse pecado “E, se alguém fizer tropeçar um destes pequeninos que creem em mim, seria melhor para esse que uma grande pedra de moinho fosse pendurada ao seu pescoço e fosse afogado na profundidade do mar” (Mt. 18.6). O que seria fazer tropeçar esses pequeninos? Inserir-los precocemente em um mundo de exploração violando a proteção que lhes deveria ser dada pode ser considerado um tropeço? Sim, o trabalho infantil é uma violação da proteção das crianças e dos adolescentes por que são períodos cruciais do desenvolvimento humano e, por essa razão, necessitam de condições especiais para que cresçam de modo pleno e saudável. Com isso, o trabalho infantil viola os direitos fundamentais das crianças preconizado no Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990¹.

São muitas as consequências do trabalho infantil na vida das crianças, pois não somente priva as crianças de sua infância, do direito à educação, saúde e lazer, mas coloca em risco sua integridade física, emocional e social. Segundo o IBGE (2022), as atividades de trabalho

¹ É o conjunto de normas do ordenamento jurídico que regula os direitos humanos de crianças e adolescentes (Brasil, 1990).

mais comuns para crianças e adolescentes incluem o trabalho na agricultura, na construção civil, no comércio ambulante, na prestação de serviços domésticos, trabalho em lixões e até mesmo a exploração sexual. As crianças submetidas às condições de trabalho infantil têm maiores chances de abandonar a escola, o que impacta negativamente em seu desenvolvimento intelectual e em suas perspectivas futuras de emprego, bem como em seu desenvolvimento físico e psicológico. Além disso, estão mais suscetíveis a acidentes de trabalho e a abusos sexuais, prejudicando seu bem-estar físico e emocional.

Em suma, o trabalho infantil tem como característica central a questão da pobreza, que se apresenta como uma das principais causas. Em geral, trata-se de famílias de baixa renda que enfrentam dificuldades de subsistência e recorrem ao trabalho infantil como uma forma de complementar a renda familiar. Como igreja profética temos que denunciar a realidade que escraviza e oprime o povo. Trago ao final o grito do profeta Miqueias 3.1-4, que denuncia a desigualdade social que hoje condiciona mais de 33 milhões de brasileiros e brasileiras a passarem fome e mais de 125 milhões a viverem em situação de insegurança alimentar, por não terem certeza se terão acesso aos alimentos. Segundo a Unicef (2022), no Brasil, 32 milhões de meninas e meninos (63% do total) vivem na pobreza, em suas múltiplas dimensões (renda, educação, trabalho infantil, moradia, água, saneamento e informação). Cabe a nós, como igreja, defender a erradicação do trabalho infantil. Mas erradicá-lo significa aniquilar o processo de exploração que a classe trabalhadora é submetida. Seguimos em frente nessa caminhada porque nosso Deus caminha conosco.

Referências

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.** Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em 10 de janeiro de 1990.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatístico. **De 2019 para 2022 o trabalho infantil aumentou no país.** Disponível em: [https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38700-de-2019-para-2022-trabalho-infantil-aumentou-no-pais#:~:text=Em%202022%2C%20o%20rendimento%20m%C3%A9dio,valor%20\(R%24%20639\).Acesso](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38700-de-2019-para-2022-trabalho-infantil-aumentou-no-pais#:~:text=Em%202022%2C%20o%20rendimento%20m%C3%A9dio,valor%20(R%24%20639).Acesso) em 20 de janeiro de 2024.

MARX, K. **O Capital**: crítica da economia política. Livro I. O processo de produção de capital. 6ªed. 1985.

UNICEF. **Há 32 milhões de crianças e adolescentes na pobreza no Brasil, alerta UNICEF**. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/ha-32-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-na-pobreza-no-brasil-alerta-unicef>. Acesso em: 19 de janeiro de 2024.

Ⓢ CARTAS Ⓢ
DE PAULO
À IGREJA DE
NEÓFITO

“Caros irmãos de Neófito, graça e paz.”



O corpo

É muito comum vermos no meio cristão pessoas cuidarem muito bem de sua vida espiritual, por entender que há na Bíblia uma ordem nesse sentido, porém, negligenciam o cuidado com o corpo, motivado pelo fato de o corpo não ser eterno e apenas uma habitação temporária. Houve época na História da Igreja em que o corpo era visto com desprezo. Não só o corpo, como tudo aquilo que fosse material. Contudo, a Palavra de Deus nos revela que o ser humano foi criado em três dimensões: corpo, alma e espírito. Assim, pode-se conferir o que diz a primeira carta de Paulo aos Tessalonicenses: “O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo” (1Ts 5.23).

O corpo é físico e com os cinco sentidos (visão, audição, paladar, olfato e tato) se conecta e interage com o mundo exterior. Alma e espírito são as partes que se conectam a Deus e envolve assuntos como fé, confiança, esperança, adoração e amor. Alma e espírito são vistos como a parte mais íntima do ser, que por sua vez são envolvidos pelo corpo. A preocupação com o corpo assume um propósito nobre. Deve ser responsabilidade de cada ser humano. O que leva uma pessoa a cuidar de seu corpo não pode ser a simples e pura vaidade, status ou a busca da sensualidade, mas manter-se saudável de forma equilibrada para melhor servir a Deus pelo tempo que a Ele convier.

O cuidado com o corpo envolve hábitos importantes relacionados a fatores externos e internos, ou seja, de cuidados higiênicos, de atividades físicas, de alimentação saudável, de acompanhamento médico regular, tanto mais regular quanto a idade se avança. De modo geral, é preciso cuidar preventivamente daquilo que possa afetar sua visão, audição e locomoção. A falta destas funções tornará o envelhecer mais difícil, poderá comprometer a tão estimada independência, a liberdade que tanto bem faz ao ser humano.

Hoje em dia, o que mais se vê no meio cristão é uma relativa paralisia em relação aos cuidados com o corpo. Não há incentivo à busca de alimentação saudável, à prática de atividade física, e, conseqüentemente, não se fala sobre o pecado da gula que leva à obesidade e ao excesso de peso.

O Pecado da Gula

A gula ou glotonaria, é pecado (Dt 21.20; Pv 23.1-2; Pv 23.20-21; Pv 28.7; Lc 21.34; Gl 5.19-21; 1 Pedro 4:3-4). Gula é o hábito de comer em excesso. Reflete falta de domínio próprio e pode causar muitos problemas de saúde. É importante ter uma vida equilibrada, que não seja dominada pela comida. Os corpos precisam de comida para sobreviver. Comer também é uma experiência agradável, com muitos sabores interessantes para explorar. Não é errado gostar de comer. Deus criou o paladar para que pudéssemos saborear muitas coisas saborosas. O problema é quando há abusos. É normal comer um pouco mais do que se deve numa ocasião especial, mas isso não pode se tornar hábito. A gula causa muitos problemas à saúde, e um deles é a obesidade.

Obesidade

A obesidade tornou-se um problema de Saúde Pública, considerada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) uma das epidemias do século XXI, pois é um fator de risco para doenças cardiovasculares, hipertensão arterial, diabetes, distúrbios renais, hepáticos, digestivos, alterações ortopédicas e até mesmo alguns tipos de câncer, como intestino e vesícula, e a sua prevalência cresce a cada ano entre crianças e adultos em todo o mundo. A obesidade tem efeitos adversos na pressão arterial, metabolismo lipídico, resistência insulínica, entre outros (SILVA, 2013). Segundo Filho (2004), a obesidade é caracterizada pelo excesso de tecido adiposo e já foi

considerada na antiguidade em alguns países, como sinônimo de saúde, beleza e poder. Em meados do século passado, observou-se evidências de que ela poderia prejudicar a saúde dos indivíduos. Confirmando essas evidências, temos atualmente determinado que a obesidade está diretamente relacionada ao aumento do risco de doenças metabólicas e cardiovasculares.

A obesidade compromete o bem-estar do indivíduo. A condição pode dificultar a realização de tarefas de rotina e gerar sintomas como dores, em decorrência da sobrecarga nas articulações e problemas na coluna, fadiga e indisposição. No entanto, o maior problema da obesidade é que a condição favorece o desenvolvimento de várias outras doenças.

A OMS define a obesidade e o sobrepeso como o acúmulo excessivo e/ou anormal de gordura corporal e representa um risco para saúde. Dados epidemiológicos apontam que no ano de 2014, 39% dos adultos apresentavam sobrepeso e 13% eram considerados obesos, atingindo mais de 2 bilhões de adultos no mundo. No Brasil, esse quadro vem crescendo cada vez mais, chegando à prevalência de 52% de indivíduos com sobrepeso e 17% com obesidade.

Enes e Lucchini (2016), considera que o sedentarismo é o que fundamenta grande parte dos casos de obesidade, inclusive está associado diretamente essa ociosidade de tempo com maus hábitos alimentares, notando-se essa prática cada vez mais cedo e já consolidada em muitos adolescentes.

Atualmente, há muitas pessoas que buscam alternativas incorretas para perder peso e ter um corpo bonito. O que buscam é apenas a beleza do corpo e não um corpo saudável. Para isso, recorrem a compostos sintéticos com base em testosterona ou que induzem aumento do hormônio, como os anabolizantes, para se chegar mais rápido aos resultados. Porém, estes não devem ser utilizados para o aumento de massa muscular. Entre os efeitos adversos desse uso estão problemas cardiovasculares, incluindo hipertrofia cardíaca, hipertensão arterial e infarto agudo do miocárdio. O uso incorreto também pode favorecer a formação de placas e obstrução das artérias, aumentar a coagulação do sangue e a formação de trombozes. Para além dos impactos cardíacos, o uso de testosterona e anabolizantes pode provocar doenças nos rins, como hepatite medicamentosa, insuficiência hepática e câncer.

Não existe mágica para prevenir e combater a obesidade

- Tenha uma alimentação saudável, baseada em alimentos in natura;
- Pratique atividades físicas, principalmente a musculação, com orientação de um bom profissional;
- Controle o consumo em excesso de sal e açúcar;
- Beba pelo menos dois litros de água diariamente;
- Tenha um sono adequado;
- Monitore a pressão arterial regularmente;
- Controle o colesterol;
- Faça exames preventivos de doenças cardiovasculares;
- Evite o consumo em excesso de bebidas alcólicas.
- Evite o tabagismo.

Nosso corpo, templo de Deus

Sabemos que os textos bíblicos têm seu contexto específico, mas isso não muda o fato de que nos mostram que nosso corpo é a nossa casa (MARQUETTI, FUNARI, 2015), é templo e morada de Deus. Devemos cuidar dele de forma zelosa, respeitosa e com ele glorificar a Deus. Na verdade, a Bíblia é clara ao dizer que devemos cuidar bem dos nossos corpos porque nele habita o Espírito Santo. O convite feito por Paulo na carta aos Romanos prioriza um culto muito além das horas que se gasta dentro da igreja, referindo-se à rotina cotidiana, ao dia-a-dia. A mudança de mentalidade, seguida de uma ação coerente, ou seja, uma mudança de mentalidade que deve provocar uma mudança de comportamento: “Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não sede conformados com este mundo, mas sede transformados pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus” (Rm 12.1-2).

Vejamos outros textos bíblicos que nos diz algo a esse respeito:

Por isso vos digo: Não andeis cuidadosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer ou pelo que haveis de beber; nem quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o mantimento, e o corpo mais do que o vestuário? (Mt 6.25);

Ou não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por bom preço; glorificai, pois, a Deus no vosso corpo, e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus (1 Cor 6.19-20);

Portanto, quer comais quer bebais, ou façais outra qualquer coisa, fazei tudo para glória de Deus (1 Cor 10.31);

“Porque ninguém jamais odiou a própria carne; antes, a alimenta e dela cuida” (Ef 5.29).



Para refletir:

- “Glorificar a Deus com o corpo”, como isto é possível?
- Considerando o histórico de saúde de sua família, você tem cuidado bem do seu corpo?
- Quais medidas práticas você poderá tomar para melhorar seu corpo, e, conseqüentemente, sua saúde?

Referências

Bíblia Almeida Corrigida Fiel (ACF)

OMS. **Obesity and Overweight**. 2008. Disponível em <<http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs311/en/>>. Acesso em: 15 fev. 2022.

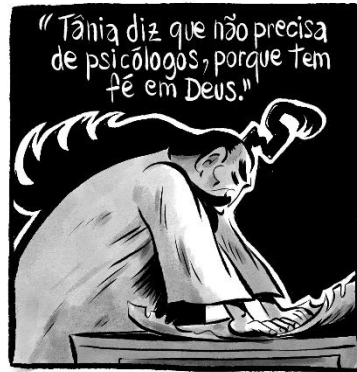
ENES, C.C; LUCCHINI, B.G. **Tempo Excessivo diante da televisão e sua influência sobre o consumo alimentar de adolescentes**. In: *A Revista de Nutrição*. Campinas, v.29, n.3, p.391-399. 2016.

FILHO, A.A.B. **Um quebra-cabeça chamado obesidade**. *Jornal de Pediatria*. v.80, n.1, 2004.

MARQUETTI, F. R., FUNARI, P. P. A. orgs.. **Sobre a Pele. Imagens e Metamorfoses do Corpo**. São Paulo, Intermeios; Fapesp, Campinas: Unicamp, 2015.

SILVA, S. F.. **Relação do Treinamento de Força para o processo de emagrecimento.** Monografia apresentada ao curso de Treinamento Esportivo da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2013.

Ⓒ CARTAS Ⓒ
DE PAULO
À IGREJA DE
NEÓFITO
“Caros irmãos de
Neófito, graça e paz.”



@fjpscarino

Introdução

A saúde mental é um componente essencial do bem-estar humano, influenciando diretamente a qualidade de vida e a capacidade de enfrentar os desafios do cotidiano. Nos últimos anos, tem se observado um aumento significativo sobre questões relacionadas à saúde mental, destacando a importância de compreender e abordar dimensões desse aspecto fundamental da vida. Nos Evangelhos encontraremos muitas situações em que Jesus vai de encontro a pessoas que desenvolveram doenças somatoformes¹ [psicossomáticas]² a aquilo quem nem sempre é dito, mas é sentido e exteriorizado. Poderíamos ficar aqui olhando para vários textos³, como esse assunto precisa caber numa aula, escolhi um texto bíblico onde tentarei abarcar o máximo deste assunto. O texto bíblico a ser abordado será o de *João 4.4-30*.

¹ Os transtornos somatoformes constituem um grupo de transtornos que incluem sintomas físicos (por exemplo, dor, náuseas e tonturas) para os quais não pode ser encontrada uma explicação médica ou lesões anátomo-clínicas proporcionais, tornando-se um desafio diário para a prática clínica. Capturado de: <https://www.google.com/search?q=somatoformes> em 02/01/2024.

² A partir da entrada em vigor do CID 10 [Código Internacional de Doenças] o termo “psicossomático” passou a ser designado como “transtornos somatoformes”, ou seja, adoecimento mental expressado por sintomas físicos.

³ Em 2017 a IPU Nacional disponibilizou um Curso de Atualização Teológica em que uma das disciplinas era Psicologia Pastoral dada por mim. Ali foi resgatado muitos textos bíblicos. Quem desejar uma cópia do texto em PDF solicitar no meu e-mail: pr.renatonavarro@uol.com.br

Em vez de evitar a Samaria como os judeus quase sempre faziam, Jesus atravessou a região que os judeus consideravam ser habitada por mestiços espirituais e étnicos. Jesus parou para conversar com uma mulher de reputação questionável. Encontramos no texto uma tensão: tanto no encontro como no diálogo. Trazemos dentro de nós uma urgência de pertença, de realização, de ser amado, por aprovação e autorrealização. Quando isso não é contemplado em nossa existência, adoecemos e vamos perdendo o brilho, levando uma vida insignificante, sem referência e de forma aviltante muitas vezes.

1. Tensão no encontro

Este encontro improvável se dá num momento do dia em que nenhum dos personagens estariam ali. O abastecimento das casas com água era uma tarefa feminina. Elas faziam isso no clarear do dia por causa do sol, já que ficariam livres para as outras tarefas domésticas. A mulher samaritana⁴ vai ao poço num horário em que não encontraria ninguém, deveria estar acostumada a isso. Não queria ser confrontada e nem hostilizada por sua história. Essa mulher buscava a felicidade nos relacionamentos [casamentos], sem entender direito que sua sede fazia com que os homens se afastassem dela, não conseguindo lidar com a cobrança da relação.

Acredito que mergulhava de cabeça, extrapolando os limites assustando aqueles com quem tentava se relacionar. Estamos falando aqui de sofrimento psíquico, de um desejo imenso de aceitação, reconhecimento, afeto e amor-próprio. Ir ao poço fora do horário habitual era um processo de negação e proteção também. Temos aqui uma mulher em crise consigo, com os outros e com uma religiosidade vazia.

Ao pedir água, Jesus demonstrou sua sede⁵ de relacionamentos. A intenção aqui é trazer a mulher para dentro, fazê-la refletir sobre o seu sofrimento psíquico. Jesus, ao pedir água, traz a mulher para o centro da cena, já que ela deveria fazer isso mecanicamente. Ter alguém no poço naquele horário e além de tudo ser homem e judeu. A presença de Jesus ali tinha o propósito de iluminar aquela vida e trazer a ela libertação.

⁴ A tradição vai registrar seu nome e sua história depois desse encontro conforme registrado no livro *Sedentos por Deus* de Foster, R. J; e Beebe, G.D.. Publicado pela Editora Vida em 2009 num verbete da página 340 sobre FOTINA.

⁵ Mendonça, J.T., *Elogio da Sede*, Edições Paulinas, 2018.

A tensão estava estabelecida. Aqui o contato é feito, o diálogo estabelecido. Jesus precisa ir desfazendo as camadas que foram sobrepostas sobre esta mulher. Camadas sociais, morais e religiosas.

2. Camadas

O tecido social do povo samaritano do Antigo Testamento era complexo e marcado por características específicas que diferiam dos judeus da época. Aqui estão algumas características [camadas] que nos ajudam a entender qual a origem do povo samaritano.

- i. **Origens Históricas e Étnicas:** Os samaritanos eram descendentes dos israelitas que permaneceram na região após a deportação de parte da população pelo Império Assírio no século VIII a.C. A mistura de populações remanescentes e estrangeiras ao longo do tempo contribuiu para uma identidade étnica distinta.
- ii. **Relações Tensas com os Judeus:** O relacionamento entre judeus e samaritanos era caracterizado por tensões e hostilidades. A construção do templo em Gerizim pelos samaritanos, em oposição ao templo em Jerusalém, contribuiu para a animosidade entre os dois grupos.
- iii. **Centro Religioso em Gerizim:** O monte Gerizim era o centro religioso dos samaritanos, onde construíram seu próprio templo. Isso diferia significativamente da tradição judaica centrada em Jerusalém. Essa divergência religiosa afetou não apenas as práticas espirituais, mas também a coesão social.
- iv. **Identidade e Isolamento Social:** Devido à rejeição pelos judeus, os samaritanos muitas vezes viviam em uma espécie de isolamento social. Eles eram vistos como impuros e evitados pelos judeus, o que provavelmente afetou seu senso de identidade e coesão social.
- v. **Eventos Históricos e Conflitos:** O tecido social dos samaritanos foi moldado por eventos históricos, como as deportações assírias e os conflitos posteriores com os judeus. As narrativas bíblicas refletem as tensões sociais e políticas entre esses dois grupos.
- vi. **Tradições Culturais Distintas:** Os samaritanos desenvolveram suas próprias tradições culturais, incluindo

práticas religiosas, festivais e rituais específicos. Isso contribuiu para uma identidade cultural única em contraste com os judeus.

3. Aprofundamento do diálogo – como trabalhar ideias de saúde mental

No caso da mulher samaritana podemos ver isso de várias perspectivas:

- i. **Vulnerabilidade e Isolamento:** A mulher samaritana, ao ir buscar água sozinha ao meio-dia, pode indicar uma sensação de isolamento ou exclusão social. Isso pode ser relacionado à saúde mental, já que muitas vezes pessoas que sofrem de problemas emocionais ou transtornos mentais podem se sentir isoladas ou deslocadas socialmente.
- ii. **Autoconhecimento e Aceitação:** Durante sua conversa com Jesus, a mulher samaritana é confrontada com aspectos de sua vida pessoal, incluindo relacionamentos passados. Esse encontro pode representar um processo de autoconhecimento e aceitação, que são aspectos importantes da saúde mental. Reconhecer e confrontar suas próprias experiências pode ser terapêutico e promover um maior entendimento de si mesma.
- iii. **Busca por Significado e Propósito:** A mulher samaritana expressa uma busca por significado e orientação espiritual, reconhecendo a expectativa pelo Messias. Esse anseio por algo maior do que ela mesma é uma característica comum em muitas pessoas que lutam com questões de saúde mental. Encontrar significado e propósito pode ser fundamental para a saúde mental e o bem-estar emocional.
- iv. **Revelação e Transformação:** A revelação de Jesus como o Messias à mulher samaritana pode ser vista como um momento de transformação e cura. Essa experiência pode representar uma jornada de crescimento pessoal e espiritual, que são aspectos importantes da recuperação e da saúde mental.
- v. **Comunidade e Apoio Social:** Após seu encontro com Jesus, a mulher samaritana retorna à sua comunidade para compartilhar sua experiência e testemunhar sobre ele. Isso destaca a importância do apoio social e da conexão com os outros na promoção da saúde mental. Ter uma comunidade de apoio pode fornecer um senso de pertencimento e suporte emocional.

Em resumo, o relato da mulher samaritana no Evangelho de João pode ser relacionado à saúde mental através de temas como vulnerabilidade, autoconhecimento, busca por significado, transformação pessoal e apoio social. Esses aspectos são importantes na jornada de recuperação e bem-estar emocional de qualquer indivíduo.

Sugestão de roteiro para a aula

COMPARTILHE SUA FÉ COM ALGUÉM

- Conversar sobre o texto
- No que se refere a compartilhar nossa fé, aprendemos 3 lições importantes com a história desta mulher:
 1. **Jesus vê o melhor em todas as pessoas**
 - a. Os fariseus reclamavam dizendo que Jesus recebia pecadores [Lc 15.2]
 - b. No que se referia a mulher junto ao poço eles estavam certos
 - c. Ela já havia passado por 5 casamentos/divórcios e era o assunto da cidade por estar vivendo com um novo parceiro
 - d. Mas ela foi a primeira pessoa a quem Jesus se apresentou como o Messias
 - e. Por que Ele não fez isso quando chamou seus discípulos? Ou quando realizou o seu primeiro milagre? Ou quando entrevistou Nicodemos?
 - f. Porque Jesus não mede você pelo seu passado ou pela sua genealogia, mas pelo seu potencial
 2. **Jesus transforma você, depois usa você para transformar outros**
 - a. Aquela mulher foi a primeira pessoa a compartilhar o evangelho em Samaria
 - b. Muitos samaritanos creram nele por causa do testemunho daquela mulher
 - c. A partir do seu quebrantamento, Deus pode usar você para curar outras pessoas
 3. **Jesus não precisa que você explique, apenas que você o apresente**
 - a. E muitos outros creram, por causa da sua Palavra.

- b. disseram à mulher: “Agora cremos, não somente por causa do que tu falaste, mas porque nós mesmos o ouvimos e sabemos que este é verdadeiramente o Cristo, o Salvador do mundo.”
- c. Você só precisa compartilhar o Deus revelado a você.

CARTAS DE PAULO À IGREJA DE NEÓFITO

“Caros irmãos de Neófito, graça e paz.”

“Nossos irmãos, de maioria branca, erigiram uma cruz com um Jesus negro, na igreja, como forma de reparação histórica.”



“A imagem é de um Jesus negro, forte, humilhado e ensanguentado...”



“Eles estão estranhamente satisfeitos com a homenagem.”



Introdução

Um dos maiores dilemas vivenciados pela humanidade esta personificado na questão do racismo premente nas várias camadas da sociedade humana. A prática do racismo é fruto da desigualdade vivenciada entre raças e nações, e do preconceito remanescente pela exploração proporcionada pela escravidão que assolou, por séculos e séculos, em diversas partes do mundo. Neste breve relato, buscaremos nortear pensamentos contrários a esta prática pecaminosa e aprimorar a nossa percepção em face deste mal, que afeta milhares de pessoas em todo o planeta.

A origem do racismo

O racismo nada mais é que o tratamento depreciativo ao indivíduo, motivado exclusivamente por sua condição racial. A sua origem remonta ao surgimento da própria humanidade e sua organização em núcleos sociais. Para Francisco Bethencourt (2018), o conceito de racismo é baseado no preconceito em relação à ascendência étnica combinado com uma ação discriminatória e que tem seu início, juntamente com a maioria das organizações sociais. Ele destaca que “A ideia de que a teoria das raças antecede o racismo é uma visão relativamente consensual entre os historiadores” (2018, p.24).

Durante o desenvolvimento do processo de exploração mercantilista, as nações ocidentais escravizaram os povos nativos,

principalmente na África, desencadeando o maior processo de martírio vivenciado na história humana. Este período é marcado pela opressão aos povos pretos nas diversas partes do continente africano, sendo estes escravizados de forma atroz e enviados para servir ao capital, principalmente na Europa e na América. O Brasil, o último país a abolir a escravidão, se manteve alheio aos modelos de acolhimento social das pessoas negras. A Lei Áurea, decretada em 13 de maio de 1888, quase nada significou como aprimoramento da população afrodescendente no Brasil. Nas palavras da professora Matilde Ribeiro (2019): “a Abolição não aboliu. Não foi um projeto inclusivo, representando a falsa ideia de que somos todos irmãos.”

Para Djamila Ribeiro (2019), o entendimento do racismo no Brasil passa por um debate estrutural, pois os diversos desdobramentos históricos do período da exploração dos escravos não tiveram seus registros realizados com fidelidade.

O resultado é que hoje vivemos em uma nação que possui um dos maiores desequilíbrios sociais existentes em todo o mundo. O Brasil, apesar de ser um gigante hegemônico na produção agrícola, prestação de serviços e avançando no desenvolvimento tecnológico, ainda “engatinha” em sua proteção social aos povos desafortunados; leia-se a população mais pobre e desprovida de recursos para sua vivência.

E é fácil identificar que este desequilíbrio é mais marcante justamente entre a população negra brasileira. Tomando este fato como uma referência para perceber o extrato de desordem social nacional, é necessário entender este ponto e alia-lo ao desinteresse da classe política e dos detentores do poder econômico, na busca de avançar no combate à desigualdade racial.



Para discutir:

Quais outras definições você poderia atribuir ao racismo?

Os números do racismo no Brasil

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE, falar de desigualdade social é abordar a questão racial:

Embora representem a maior parte da população (55,8%) e da força de trabalho brasileira (54,9%), apenas 29,9% destas pessoas ocupavam os cargos de gerência, segundo

dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2018. A relativa desvantagem também se aplica ao ganho mensal de cada raça ou cor. Os números apontam que o rendimento médio mensal da pessoa ocupada preta ou parda gira em torno dos R\$1.608 contra os R\$2.796 das pessoas brancas.” diferença tende a ser um pouco menor. (IBGE, 2024)

O portal “Observatório do Terceiro Setor” identificou, no ano de 2021, um crescimento de 31% nas denúncias de racismo em terras brasileiras, com mais de 6 mil casos ao longo do ano. A maioria deste percentual é composta de pessoas negras e jovens, vítimas da violência e do descaso social contra a população preta. No documento “Plano Juventude Negra viva” do Ministério da Igualdade Racial, há a indicação que entre 2012 e 2022, 72% dos homicídios cometidos no Brasil ocorreram contra pessoas negras. O mesmo documento faz um alerta da necessidade do desenvolvimento de políticas públicas urgente para preservar o direito à vida dos negros na sociedade brasileira. A Lei nº 7.716, de 1989, conhecida como Lei do Racismo, não atenuou as práticas discriminatórias e racistas no Brasil. Ocorreram avanços na criação de coletivos e órgãos de proteção à população negra, mas que não instrumentalizaram a redução dos gestos e atos racistas, em muitos casos violentos e mortais, vitimando, sem direito a defesa, do indivíduo hostilizado. A coalizão Negra por Direitos, A ONG Criola e Fórum Permanente para Igual Racional são exemplos da sociedade civil no combate as questões raciais e, com um viés mais religioso, temos o Movimento Negro Evangélico, que atua no ensino e denúncia do racismo em comunidades cristãs evangélicas.



Para discutir:

Em 20 de novembro, comemora-se o Dia Nacional da Consciência Negra, fazendo referente à luta de Zumbi, líder do Quilombo dos Palmares. No seu entendimento, qual a importância de se manter viva a memória da ancestralidade do povo negro, como uma referência para historia brasileira?

O reverendo Joaquim Beato, em seu artigo “O Negro na Bíblia”, realiza apontamentos significativos sobre a percepção de personagens negros que tiveram atuação marcante nas Sagradas Escrituras:

- O mensageiro escolhido para levar a Davi a notícia da morte de seu filho Absalão (II Samuel 18.21-32)
- Sofonias é declarado filho de um negro (cuxita) Sofonias 1.1
- Ismael, filho de Abrão e Agar. Agar era uma mulher egípcia (Genesis 16 e 17)

Beato menciona ainda uma percepção valorosa dos povos africanos, nas narrativas hebraicas (Ezequiel 29.10; Salmos 72.8-9, Isaías 45.14; Jeremias 13.23; Salmos 87.6) e conclui com uma afirmação enfática:

Do ponto de vista da Bíblia, não há, portanto, por que nós, afro-descendentes, carregarmos nossa negritude como se fosse um fardo, uma humilhação, ideia nefasta essa que o racismo anti-negro presente em nossa sociedade insiste em introjetar, desde nossos primeiros anos de escola, de diversas maneiras, em muitos de nós. (Beato, 2015)

Interpretações racistas das Sagradas Escrituras deram base para o racismo e as intolerâncias religiosas ainda hoje são uma realidade a ser combatida. O exemplo da interpretação da história dos irmãos Caim e Abel é muito conhecida: o primeiro matou o segundo por inveja. Mas esta possuía uma interpretação teológica racista que serviu de base para a escravidão e ainda hoje sustenta o racismo e a intolerância religiosa. Quando Caim assassinou seu irmão, ele recebeu de Deus um sinal, sendo este o fato de torná-lo negro e por consequência amaldiçoado. Segundo Ras André Guimarães (2019), educador popular e pastor da Igreja Metodista Filadélfia, essa não é a única passagem bíblica que foi distorcida, nesse sentido. Segundo o pastor metodista, a insinuação é de que existe uma ordem divina que justifica a exploração desse povo. E isto traz um grande problema: a mentalidade religiosa, tanto do Protestantismo, quanto do Catolicismo, absorveram esse imaginário, essa perspectiva racista, como forma de justificar seu distanciamento com os pretos, descendentes de africanos. Esta é a base do racismo unida ao preconceito religioso.

**Para discutir:**

Podemos identificar, considerando relatos publicados na mídia em geral ou nas redes sociais, uma tendência à diminuição ou aumentos nos caso de racismo e intolerância religiosa?

Teologia Negra

A Teologia negra é a visão dos estudos das Sagradas Escrituras na perspectiva do povo negro. James Cone, seu principal expoente, a define assim:

Trata-se de um estudo racional relacionado ao ser de Deus, no mundo, sob a luz da condição existencial de uma comunidade oprimida, relacionando as forças de libertação a essência do evangelho de Jesus Cristo (Cone, 2020)

Sua origem se dá em meio à luta pelos direitos civis, nos Estados Unidos, na década de 1960, com personagens marcantes como o pastor Martin Luther King Junior, assim como o ativista Malcolm X, e Rosa Parks, que lutaram para a aprovação da Lei dos Direitos Civis, assinada em 1964. Essa lei proibia a discriminação racial e a segregação da população negra. O Reverendo Joaquim Beato, em seu artigo “Que Teologia Negra podemos produzir?” aponta para a necessidade da Teologia Negra se tornar um instrumento contra o racismo e o preconceito, destacando que o seu papel é oferecer a fundamentação teórica e legitimação da ação política.

**Para discutir:**

Podemos identificar aspectos da Teologia Negra no processo de educação cristã nas nossas igrejas locais?

Conclusão

Diante de tudo que foi apresentado, nos deparamos com a triste e lamentável conclusão: vivemos em um país profundamente racista e preconceituoso, E com o agravante de que não se vislumbra a solução

para esta realidade em curto prazo. A partir disso, perguntamos: Como combater este mal que nos oprime e assola? Para responder isso é importante entender que o racismo, na esfera social, é um crime, com seu enquadramento como nefasto e hediondo. No âmbito da nossa religiosidade é um grave pecado contra a criação do Senhor. O seu enfrentamento é uma demanda significativa para toda a sociedade e principalmente em nossas praticas diárias, enquanto Igreja de Cristo. Para a efetiva luta com suas consequências, é necessário adotar posturas que encaminhem a sua erradicação:

- 1) Denunciar o ente racista em todas as esferas cabíveis: Ocupar os espaços de exposição das práticas de preconceito e racismo, ampliando o debate e denunciando as práticas que afetem a população negra em todas as esferas.
- 2) Ocupar os espaços de ensino: O ex-presidente da África do Sul, Nelson Mandela afirmou: “Ninguém nasce odiando! Para ser racista é preciso ter o aprendizado do ódio.” Por meio da educação das futuras gerações, mediante o aprendizado da igualdade e da paz, o racismo cessará.
- 3) A criação de canais e empoderamento do povo preto, por meio de coletivos, agências governamentais e do terceiro setor, ONG’s e igrejas. Estes organismos, atuando no exercício da prática do amor igualitário e norteando a criação de um modo de vida justa e equânime.

Não se esgotando nestes postulados, ressaltamos a importância da construção de um tempo em que os ensinamentos de justiça, amor e paz proferidos por Jesus Cristo sejam a referência primaz para uma humanidade onde não haja parcialidade ou distinção de ninguém por ser aquilo que é.

Referências

Bethncourt, Francisco. Racismos: Das cruzadas ao século ao século XX. Trad. Luiz Oliveira Santos – 1º Ed – São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Ribeiro, Djamila. Pequeno Manual antirracista. 2º Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Beato, Joaquim. “O Negro na Bíblia” -

Beato, Joaquim. “ Que Teologia Negra podemos produzir” – Diálogo Pluricultural

<https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21039-desigualdades-sociais-por-cor-ou-raca-no-brasil.html>

[https://missaototal.wordpress.com/2015/07/29/o-negro-na-biblia/\(2015\)](https://missaototal.wordpress.com/2015/07/29/o-negro-na-biblia/(2015))

[https://afrocut.com.br/movimento-negro-evangelico/\(2020\)](https://afrocut.com.br/movimento-negro-evangelico/(2020))

[https://afrocut.com.br/blog/o-racismo-religioso-se-apropriou-ate-mesmo-da-biblia-para-atacar-tudo-que-vem-da-africa/ \(2020\)](https://afrocut.com.br/blog/o-racismo-religioso-se-apropriou-ate-mesmo-da-biblia-para-atacar-tudo-que-vem-da-africa/ (2020))

[https://observatorio3setor.org.br/6-organizacoes-que-lutam-contr-o-racismo-no-brasil/\(2024\)](https://observatorio3setor.org.br/6-organizacoes-que-lutam-contr-o-racismo-no-brasil/(2024))

[https://www.gov.br/igualdaderacial/pt-br/assuntos/plano-juventude-negra-viva/2024_Plano_Juventude_Negra_Viva_.pdf \(2024\)](https://www.gov.br/igualdaderacial/pt-br/assuntos/plano-juventude-negra-viva/2024_Plano_Juventude_Negra_Viva_.pdf (2024))

[https://www.geledes.org.br/ninguem-nasce-odiando-para-ser-racista-e-preciso-ter-o-aprendizado-do-odio \(2024\)](https://www.geledes.org.br/ninguem-nasce-odiando-para-ser-racista-e-preciso-ter-o-aprendizado-do-odio (2024))



ENTRE REMENDOS E BORDADOS: SUPERANDO O DESEMPREGO COM CRIATIVIDADE E ECONOMIA SOLIDÁRIA A PARTIR DA VIDA DE DORCAS

Jussiana Silva dos Santos Rebouças

CARTAS
DE PAULO
À IGREJA DE
NEÓFITO

“Caros irmãos de Neófito, graça e paz.”



O Tecido Social em retalhos

A expansão do capitalismo a partir da permanente revolução de seus meios de produção carrega consigo um processo de transformação das relações de produção e conseqüentemente das formas de trabalho para torná-las adequadas à expansão do capital, do lucro e, portanto, da exploração do proletariado. Em cada momento de desenvolvimento das forças produtivas as relações de trabalho correspondentes criam e recriam um campo de batalha entre os detentores dos meios de produção e os vendedores de força de trabalho, com novas formas de opressão e semelhantemente de resistência.

A exigência de maior competitividade vem introduzindo estratégias de racionalização e redução de custos com sérias conseqüências para os níveis de emprego. Postos de trabalho, que tradicionalmente garantiam estabilidade, se reduziram drasticamente. A insegurança passou a fazer parte do cotidiano do assalariado que detém algum tipo de emprego formal. Formas precárias de trabalho, de subcontratação, passaram a ser utilizadas como norma, incorporando-se às práticas das empresas. Fragilizou-se a instituição sindical como representação legítima dos trabalhadores. O desemprego adquiriu dimensões mais amplas, mudando hábitos e trazendo pobreza e desesperança, e o trabalho informal tornou-se uma alternativa frequente para os excluídos do mercado de trabalho, formalizado, principalmente, nos países subdesenvolvidos.

Os indivíduos atualmente buscam lutar por um emprego, para garantir seu trabalho, para não voltarem ou permanecerem no mundo duro e desesperador que é o exército de reserva, ou ainda para não participarem do grupo “os descartáveis” perante o capital. É interessante perceber que esse desemprego, apesar de intensificar-se, ele é estrutural. Mesmo qualificando “todos”, não haveria postos de trabalho suficiente. Isso porque é o próprio jogo do sistema capitalista, faz parte de decisões políticas, logo, não é algo natural e inevitável. Por isso a sociedade do capital necessita cada vez menos de trabalho estável e cada vez mais do instável. Precisa-se manipular, oprimir, explorar, alienar o trabalhador! Assim a acumulação de riqueza multiplica-se e o trabalhador não pode estar reivindicando, pois enquanto uns encontram-se silenciosos garantindo seu emprego, outros urgem constantemente para ganhar um lugar ao sol.

Todo esse tecido social, cortado em pedaços desiguais, não corresponde aos ensinamentos bíblicos, já que “o trabalhador que trabalha deve ser o primeiro a gozar dos frutos (2 Timóteo 2:6). Infelizmente, com o modo de produção capitalista, o proletariado sofre o processo de alienação e nada lhes pertence, sendo o capital, os meios de produção e a produção propriedades privadas do capitalista. Ora, até mesmo sua força de trabalho é vendida por um salário que não proporciona uma vida digna, nem sequer conseguem adquirir os produtos feitos por suas próprias mãos.

Defendo a ideia, assim como o mundo e as suas ações giram em torno do trabalho, através dele e por ele, mesmo que a escravidão tenha tido “um fim” ela perpetua e se modifica de acordo com as necessidades do mercado. Homens e mulheres pobres por sua vez, filhos e filhas da escravidão, são obrigados(as) a continuar se sujeitando às péssimas condições que o capital oferece, a viver e vivenciar formas arbitrárias passadas, a vestir uma roupa, que aparentemente nova, traz remendos e mofo do sistema colonial e imperial, enfim dos prenúncios do sistema capitalista. Roupas apenas costuradas, mas que ainda representam os maus tratos, a luta pela compra de uma alforria enganosa, a triste viagem dos navios negreiros, a constante fuga e a temível captura, e por fim, roupas que hoje trazem a marca do consumo e uma ilusória ideia de liberdade e ascensão social. Assim, homens, mulheres e crianças atualmente, acreditam ser livres quando consomem, por isso, degladiam-se entre si, na arena constante da sobrevivência. São escravos(as) não mais de um senhor, mas de um sistema repletos deles. Um sistema novo na forma, nas justificativas apresentadas, mas

guardando muito daquela brutalidade, inferioridade, exploração e animalidade de antes.

Na realidade, o capitalismo, por onde passou, criou violência. Ele cria não só desigualdade e concentração de renda, mas também desesperança, competitividade, individualismo muito grande, cria ódio nas pessoas que estão fora do sistema de consumo, isso porque “transformamos as pessoas em consumidores, e não em cidadãos”¹. Dessa forma, o sistema capitalista atual produz não apenas mercadorias, mas também subjetividade. E a mídia é o veículo por excelência de divulgação dessa nova subjetividade via um estilo de propagandas que criam desejos, modelam o imaginário das pessoas, despertam anseios. Substitui-se a informação pela mera e enganosa publicidade. Todos são tratados como consumidores, escamoteando a manipulação com vestes de escolhas, em uma grande economia de mercado. Mas, e a religião tão conclamada na contemporaneidade como símbolo de salvação para a humanidade, onde encontra-se nesse processo de barbárie?

Alinhavos de esperança

A História de Dorcas revelada na Bíblia nos aponta para a possibilidade de ultrapassar as barreiras do desemprego e da desigualdade social através da vida em comunidade, experimentando o cuidado, o diálogo e a parceria dos sujeitos sociais. Dorcas era líder de uma pequena comunidade cristã, na cidade de Jope, portuária no Mar Mediterrâneo a 45 quilômetros de Jerusalém. Não sabemos a origem econômica de Dorcas, mas a Bíblia sinaliza que sua renda era incorporada no sustento familiar-comunidade cujo trabalho volta-se para a visão equitativa e de justiça social, já que os grupos marginalizados que mais sofriam com a pobreza eram as viúvas com seus filhos e filhas. Ora, a dupla discriminação que sofria uma viúva na Palestina já era suficiente para impossibilitar sua digna sobrevivência, em especial em uma cidade portuária acarretava uma maior vulnerabilidade dessas mulheres no que tange a violência sexual, o que muitas aceitariam em troca de comida e vestimentas.

É nesse contexto que Dorcas exercia um poderoso e significativo serviço cristão. Ora, “e havia em Jope uma discípula chamada Tabita, que traduzido se diz Dorcas. (Atos 9:36), ou seja, considerada seguidora de Cristo, carregava em suas ações o símbolo de bondade e compromisso

¹ KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, p. 24.

social, por isso mesmo a sua ausência mediante a morte representou uma comoção profunda e conseqüentemente a não aceitação da sua partida. “Naqueles dias Dorcas ficou doente e morreu. Lavaram o corpo dela e depois o puseram num quarto do andar de cima. Jope ficava perto de Lida. Quando os seguidores de Jesus em Jope souberam que Pedro estava em Lida, enviaram dois homens para levar-lhe o seguinte recado: — Por favor, venha depressa até Jope! Então Pedro se aprontou e foi com eles. Quando chegou lá, eles o levaram para o quarto de cima. Todas as viúvas ficaram em volta dele, chorando e mostrando os vestidos e as outras roupas que Dorcas havia feito quando ainda vivia. (Atos 9:37-39).

Com efeito, a morte de Dorcas gerou resistência entre o grupo marginalizado que ela representava, pois com sua ausência estariam também sepultando a esperança, a luta, o exemplo de superação em meio ao trabalho coletivo. “Mas Pedro, fazendo sair a todos, pôs-se de joelhos e orou: e, voltando-se para o corpo, disse: Tabita, levanta-te. E ela abriu os olhos, e, vendo a Pedro, assentou-se. E ele, dando-lhe a mão, a levantou e, chamando os santos e as viúvas, apresentou-lha viva. E foi isto notório por toda a Jope, e muitos creram no Senhor (Atos 9: 40-42).

Ao refletirmos nesta passagem bíblica não podemos escorregar no equívoco de reduzir as ações de Dorcas como mero assistencialismo. Não temos o direito de silenciar ainda mais a História de uma das poucas mulheres mencionadas na Bíblia, colocando-a como aquela que costurava roupas para os pobres e dava esmolas. Eis um grande exemplo de como se construiu, pela ideologia dominante, a concepção de acomodação frente aos direitos sociais. Nesse caso, a cidadania é abafada pelo discurso da solidariedade, os direitos tornam-se sinônimo de favor, de ajuda. Então, as classes subalternas passam a sobreviver no campo das benesses, do clientelismo, consolidando uma cultura de tutela em detrimento de uma conquista universal da racionalidade crítica emancipatória.

Dorcas de fato foi uma serva de Deus que promovia esperança e tinha o amor como ética de vida. Os sujeitos por elas tocados eram valorizados, amados, potencializados, transformados. Defendo a ideia portanto que Dorcas liderou um grupo de indivíduos excluídos socialmente, em especial as viúvas e sua prole, garantindo abrigo, comida, roupa, mas acima de tudo dignidade, sentimento de importância, pois apesar da narrativa bíblica apresentar escassas informações, é válido refletirmos que Dorcas possuía uma cooperativa de pessoas felizes, criando um ambiente de trabalho amoroso, em que juntos costuravam e comercializavam roupas nas feiras de Jope, pois

sendo uma cidade portuária, recebia constantemente viajantes em seu território, que precisavam de vestes para seguir viagem.

Nessa perspectiva podemos afirmar que o papel da igreja no que tange às questões do desemprego deve estar para além do âmbito econômico, sendo necessária uma reforma intelectual e moral, voltada efetivamente para a concepção de mundo, quebrando a ideia do religioso individualista, mas assumindo uma ideia do divino que organiza e cria um terreno propício ao desenvolvimento da vontade coletiva, reafirmando a passagem bíblica que diz: “Sei que não há nada melhor para as pessoas do que ser felizes e fazer o bem enquanto vivem. Que cada um deles coma e beba, e encontre satisfação em todo o seu trabalho – este é o presente de Deus” (Eclesiastes 3: 12-13).

Juntando os retalhos

O desemprego não se constitui como uma questão central se considerarmos que a pobreza não é “privilégio” dos que não trabalham. As condições são tão precárias, que mesmo exercendo algum tipo de atividade, o indivíduo não consegue ter acesso aos direitos humanos e sociais necessários à sua sobrevivência. Assim, entende-se que existem formas perversas e desiguais de inclusão social, o que se caracteriza em uma inclusão excludente ou a não-inclusão. Nosso papel enquanto igreja de Cristo é costurar esses retalhos abandonados pelo sistema capitalista, superando a desigualdade, o desemprego e o subemprego com ferramentas diferentes do opressor.

Ora, “é possível organizar a produção em grande escala sem ser pelo molde do grande capital”². A economia solidária então é a solução racional e cristã substituindo a competição e reciclando a riqueza para o financiamento de novos postos de trabalho. Nossas igrejas podem então abrir as portas para reforçar e multiplicar iniciativas da sociedade civil no que tange a economia solidária e o consumo responsável, desenvolver cursos, palestras, ajudar a criar cooperativas e ou associações, promover e participar de feiras da agricultura familiar e de artesanato e por fim, mas não menos importante, eleger governos que coloquem essa pauta como questão precípua. Lembremos que “Deus não é injusto; ele não se esquecerá do seu trabalho e do amor que você demonstrou por ele ao ajudar seu povo e continuar a ajudá-lo” (Hebreus 6:10).

² SINGER, Paul. *Globalização e Desemprego: Diagnóstico e Alternativas*. São Paulo: Contexto, 2021, p.131.

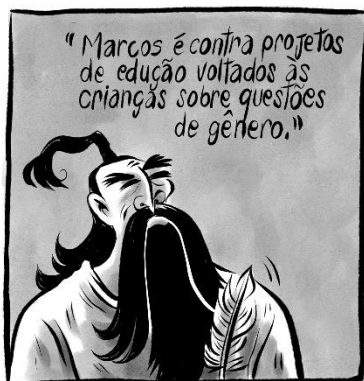
Sendo a religião também um campo de emancipação humana, torna-se imprescindível um paradigma de conhecimento prudente para uma vida justa, negando todo tipo de autoridade e dogmatismo do conhecimento. O “despertar do amor só pode acontecer se nos desapegarmos da obsessão pelo poder e pela dominação”³. Somente assim poderemos vislumbrar uma participação política em que negros(as), mulheres, população LGBTQIANP+, pessoas com deficiência, pobres dentre outros tenham demandas supridas e direitos respeitados. Por isso não se trata apenas de lutar pela extinção da apropriação dos meios de produção por uma parcela ínfima da sociedade, mas é imprescindível lutar também pela extinção e dominação elitista da cultura e do saber. Somente assim o distanciamento entre governados e governantes, entre intelectuais e alienados, poderá desaparecer, abrindo o espaço para que a sociedade civil reabsorva a representação estatal e assine verdadeiramente um justo e amoroso contrato social.

³ HOOKS, Bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Elefante, 2021, p. 123.

DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA: Uma reflexão inicial para uma Análise Abrangente

Enzo Basílio Roberto

Ⓒ CARTAS Ⓒ
DE PAULO
À IGREJA DE
NEÓFITO
“Caros irmãos de Neófito, graça e paz.”



A educação brasileira é multiforme. Encontramos diferenças de ensino, de acesso, de qualificação de professores, de infraestrutura, de recursos didáticos, de referenciais pedagógicos. Multiplique-se essas diferenças pelos fatores circunstanciais, sociais e geográficos como escolas públicas e particulares, pela localização em bairros pobres e de periferias, de classe média ou de classe alta, pela região do país e, nestas, se é em grandes centros urbanos, cidades do interior, áreas rurais, quilombolas, indígenas ou ribeirinhas, pelo tipo de ensino regular, técnico, educação de jovens e adultos, educação básica ou superior e outras tantas variáveis que nos impedem de definir qual o principal fator que influencia na qualidade da educação. Vamos elencar algumas questões para reflexão.

Em 2022, o IBGE publicou que 5,6% de jovens (acima de 15 anos) e adultos, são analfabetos. A desigualdade educacional no Brasil é um desafio persistente que impacta diretamente o acesso, a qualidade e os resultados educacionais. Diversos educadores brasileiros têm discutido e abordado essa questão em suas pesquisas e práticas pedagógicas. Paulo Freire, um dos mais influentes educadores brasileiros, dedicou sua vida a promover uma educação libertadora e igualitária. Conforme Moacir Gadotti¹, uma das grandes contribuições de Freire, foi à educação de Adultos entendida como libertadora. Ele destacava a importância de uma pedagogia crítica que permitisse aos alunos

¹ [content \(paulofreire.org\)](http://content.paulofreire.org) p.5

entenderem criticamente sua realidade social e, assim, transformá-la. Freire argumentava que a desigualdade educacional era intrinsecamente ligada à desigualdade social e econômica, defendendo uma educação que capacitasse os alunos a questionar as estruturas injustas da sociedade.

Sobre as diferenças de ensino, para Anísio Teixeira, um dos fundadores da Universidade Federal da Bahia, a importância da expansão do acesso à educação é o meio de combater a desigualdade. Ele defendia a criação de uma escola única, que garantisse a todos os brasileiros uma educação de qualidade, independente de sua origem social. Para Célia M. F. Cordeiro², Anísio pretendia a universalização de uma nova escola, aquela proposta no Centro Popular, comum para todos, a chamada "escola única", onde as crianças de todas as posições sociais iriam "formar a inteligência, a vontade, o caráter, os hábitos de pensar, de agir e de conviver socialmente".

Diversos educadores tem se debruçado sobre os problemas na educação brasileira, algo facilmente constatado quando vemos os diversos programas de Pós-graduação em Educação no Brasil que abordam a desigualdade educacional como um tema central de pesquisa. Esses programas exploram diferentes dimensões da desigualdade, desde o acesso desigual a recursos educacionais até as disparidades nos resultados acadêmicos.

Um fator importante para redução da desigualdade educacional são as políticas públicas. Pesquisas acadêmicas também se voltam para essas políticas como, por exemplo, o Programa Bolsa Família é frequentemente estudado por seu impacto na frequência escolar e desempenho acadêmico de crianças em situação de vulnerabilidade socioeconômica. A desigualdade regional é outra dimensão explorada. É importante analisar e refletir como as disparidades entre as regiões do Brasil afetam o acesso a uma educação de qualidade. Isso inclui questões como infraestrutura escolar, qualificação de professores e disponibilidade de recursos didáticos.

Se recorrermos a Constituição, o art. 205. define "A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho." As análises dos problemas educacionais têm obrigatoriamente três agentes conforme esse dispositivo constitucional. O Estado, que envolve os diversos aparatos

² [SciELO - Brasil - Anísio Teixeira, uma "visão" do futuro Anísio Teixeira, uma "visão" do futuro](#) p.5

elencados até aqui, a família, e por fim toda a sociedade. Infelizmente alguns procuram bodes expiatórios para as deficiências educacionais, o que dificulta o debate sério sobre a educação. Cito como exemplo uma educadora que fez um vídeo no youtube culpando Paulo Freire pela diminuição do QI do Brasileiro. Sem querer entrar no mérito da educadora, e talvez de outras pessoas que também defendem esta ideia, como pode-se ver nos comentários desse vídeo, mas culpabilizar um teórico da educação sem analisar as políticas públicas e desigualdades das escolas, o papel da família e de toda a sociedade é, no mínimo, tendencioso.

Os desafios enfrentados pelos professores também são abordados nos programas de pós-graduação. A formação docente, as condições de trabalho e as estratégias pedagógicas para lidar com a diversidade nas salas de aula são temas comuns de pesquisa, considerando seu papel crucial na promoção da igualdade educacional.

Como exposto até aqui, a multiplicidade educacional apresenta alguns temas em comum, mas com especificidades que inviabilizam uma solução única. A Educação Básica, mais especificamente a Educação Fundamental em suas séries iniciais, se destaca neste cenário de desigualdades. As instituições de ensino municipal com raras exceções são as escolas públicas responsáveis pela formação formal inicial. Enfrentam as dificuldades elencadas anteriormente, agravadas por distorções da aplicação das políticas e leis já estabelecidas. O exemplo clássico é o combate a reprovação que na década de 90 era de 78% para o ensino fundamental (Fernandes, 2011)³. No entanto, o combate a reprovação foi feito de maneira caótica, não oferecendo aos docentes e estudantes uma qualidade real de trajetória para o êxito escolar. Classes de primeiro ano com mais de trinta alunos, entre eles alunos com necessidades educacionais específicas, sem, no entanto, terem auxiliares de sala ou o conhecimento necessário dos docentes para lidar e auxiliar estas crianças a desenvolverem seus potenciais. Kaurk e Silva citando Roeser & Eccles “propõem que as dificuldades comportamentais e emocionais, por sua vez, influenciam problemas acadêmicos e estes afetam os sentimentos e os comportamentos das crianças. Tais dificuldades podem expressar-se de forma internalizada ou externalizada.”⁴ Em função da relação das dificuldades comportamentais e emocionais com o desempenho acadêmico que a

³ FERNANDES, Domingo (org.) “Avaliação em Educação: Olhares Sobre uma Prática Social Incontornável”, ed Melo, 2011 (p. 119)

⁴ Roeser & Eccles apud KAURK, F.S. e SILVA, V.A.S. Dificuldades de aprendizagem nas séries iniciais do ensino fundamental e ações psico & pedagógicas, Rev. psicopedag. vol.25 no.78 São Paulo 2008

instituição pura e simples de ciclos que não reprovam não garante a permanência e êxito dos estudantes, que são promovidos sem o suporte necessário para acompanhar os novos desafios educacionais, causando frustração e baixa autoestima nos anos finais da Educação fundamental. Saviani (2001)⁵ avalia a situação da escola pública para a população geral e da particular para as elites constatando que

“Esse dualismo se manifesta também no ensino fundamental ao se propor para a rede pública um ensino aligeirado avaliado pelo mecanismo da promoção automática e conduzido por professores formados em cursos de curta duração organizados nas escolas normais superiores com ênfase maior no aspecto prático-técnico em detrimento da formação de um professor culto, dotado de uma fundamentação teórica consistente que dê densidade à sua prática docente.”

Os últimos 23 anos não apresentaram significativas variações para a análise de Saviani de 2001. A LDB 9294/96 instituiu a obrigatoriedade da licenciatura plena a todos os professores, porém as instituições superiores que formam a maioria dos professores se limitam ao mínimo da carga teórica da legislação, o que na prática mantém uma formação prático-técnica para a maior parte dos professores (que ocupam em geral os cargos em escolas públicas) e algumas poucas formações mais amplas que privilegiam a pesquisa e fundamentação teórica. Um indicador desta diferenciação também se manifesta na Pós-graduação *Stricto Sensu* que cria o Mestrado e Doutorado profissionais.

Estes são alguns debates que os educadores brasileiros têm contribuído significativamente para a compreensão e enfrentamento para os problemas educacionais no país. Suas perspectivas, aliadas às pesquisas acadêmicas em andamento nos programas de Pós-graduação em Educação, são fundamentais para desenvolver estratégias e políticas que busquem criar um sistema educacional mais justo e equitativo no Brasil, mas é necessário todo o engajamento da população, para ter consciência dos caminhos que devem ser tomados, e não se desviar por falsas associações.

⁵ Saviani, Dermeval, EDUCAÇÃO NO BRASIL: CONCEPÇÃO E DESAFIOS PARA O SÉCULO XXI. *Histedbr on-line* - v. Julho/2001, n. 3 (2001) | Faculdade de Educação

André Renato de Barros Navarro

Pastor Jubilado do PJDI, Psicólogo Clínico com atuação em Saúde Pública, Mestre em Ciências da Religião e Coordenador do SARA Sorocaba [sara.org.br].

Antônio Marcos de Souza

Homem preto, nascido na periferia de Belo Horizonte, pastor da IPU e coordenador regional do Movimento Negro Evangélico.

Cláudio Márcio Rebouças da Silva

Pastor da Igreja Presbiteriana Unida de Muritiba, Bacharel (2013), Licenciado (2023) em Ciências Sociais, Residente Pedagógico em Sociologia (2020). Mestre em Ciências Sociais (2016) pelo Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Bacharel (2017) em Teologia pela Faculdade Batista Brasileira (FBB). Pós-Graduado Lato Sensu (2018) em História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano - IF Baiano / Campus Governador Mangabeira-BA.

Edineia Figueira dos Anjos Oliveira

Bacharel em Serviço Social e Pós-Doutorado em Política Social pela Universidade Federal do Espírito Santo. Presbítera da Igreja Presbiteriana Unida de Campo Grande e membro do Conselho Coordenador do Presbitério de Vitória.

Enzo Basílio Roberto

Casado com Cláudia e pai de Jonathan, Pietra e Vincenzo. De família presbiteriana desde seu bisavô que se converteu através do trabalho missionário de Eduardo Lane. Doutor em Filosofia da Educação, profissionalmente começou na antiga Escola Técnica Federal de São Paulo em 1983, ministrou aulas desde o Ensino Fundamental e Médio, até a pós-graduação, tendo sido Diretor de Ensino e também Diretor de Extensão, entre outros cargos do Instituto Federal e de Universidades particulares. Pastor ordenado em janeiro de 1990, pastoreou igrejas da IPI durante 25 anos e pastoreia a IPU de Atibaia desde 2015, sendo

atualmente membro do Presbitério Jundiá, do qual é vice-moderador e representante do Conselho de Doutrina e Ética.

Felipe Carmo

É teólogo e jornalista. Atualmente, trabalha como repórter para a revista Spectrum, nos EUA, e editor da revista Zelota. Costuma utilizar com frequência as Histórias em Quadrinhos entre a profissão e o hobby.

Guilherme de Freitas Silva

Casado com Priscila Cabral e pai do João Guilherme. Membro do Presbitério de Vitória (PVTR) e coordenador da Secretaria de Comunicação da IPU. Bacharel em Psicologia (2016) pela PUC Minas e em Teologia (2020) pela Faculdade Unida de Vitória.

Isaque de Góes Costa

Pastor, desde 1997 atuando na coordenação de projetos, cuidado pastoral, ecumenismo, voluntariado em associações, igrejas e casas de Recuperação. Pastor da IPU de Formosa e por duas vezes moderador do Presbitério Erasmo Braga (BH/MG). Atuou como assessor da Secretaria Nacional de Educação Teológica da IPU. Professor desde 2003, atualmente na Rede SEDUC/GO e no Seminário Batista Nacional de Brasília (STEB).

Jussiana Silva dos Santos Rebouças

Possui graduação em licenciatura História pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2003), bacharelado em Serviço Social pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (2014), especialização em Psicopedagogia pela Faculdade São Salvador, especialização em História da África, da Cultura Negra e do Negro no Brasil pela UFRB e mestrado em Educação pela UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana). Atualmente é professora da Secretaria da Educação do Município de Muritiba e da Secretaria da Educação do Estado da Bahia. Presbítera da Igreja Presbiteriana Unida em Muritiba, instituição que é eclesiana desde 2006.

Maria Aparecida de Andrade Almeida

Pastora na IPU Jardim Califórnia – Indaiatuba – SP; Pós-Doutorado em História e Arqueologia pela Universidade Estadual de Campinas; Mestrado e Doutorado em Ciências da Religião/ Literatura e Religião no Mundo Bíblico pela Universidade Metodista de São Paulo; Bacharel em

Teologia pela Faculdade Dehoniana de Taubaté; possui experiência na área de Teologia e Ciências da Religião com ênfase em Bíblia. Email: mcidalmeida@hotmail.com

Maria Luiza Rückert

Pastora e capelã, cursou teologia na Escola Superior de Teologia (EST), em São Leopoldo.

Paulo Roberto Pedrozo Rocha

Pastor da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil (IPU), ordenado em 25/03/1990, desde então membro do Presbitério de Jundiaí (PJDI). Atualmente é pastor auxiliar na IPU de Jundiaí.

Sônia Gomes Mota

Bacharel em Filosofia pela UFBA, Mestra em Teologia na área de História da Igreja pelo Instituto de Pós-Graduação da Faculdade da Escola Superior de Teologia da Igreja de Confissão Luterana em São Leopoldo-RS. Pastora da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil-PSVD. Diretora Executiva da CESE. Integra a Coordenação do FEACT-Brasil (Fórum Ecumênico ACT-Brasil); do CEBIC- Conselho Ecumênico Baiano de igrejas Cristãs.